

**Universidade Federal de Juiz de Fora**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários**

**Anderson Azevedo Ferigate**

**A presença de Gandhi na literatura de Cecília Meireles**

**Juiz de Fora**

**2018**

Anderson Azevedo Ferigate

**A presença de Gandhi na literatura de Cecília Meireles**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Literatura, identidade e outras manifestações culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientadora: Prof. Dra. Teresinha Vânia Zimbrão da Silva  
Coorientador: Prof. Dr. Dilip Loundo

Juiz de Fora  
2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ferigate, Anderson Azevedo.

A presença de Gandhi na literatura de Cecília Meireles / Anderson Azevedo Ferigate. -- 2018.

88 p.

Orientadora: Teresinha Vânia Zimbrão da Silva

Coorientador: Dilip Loundo

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2018.

1. Cecília Meireles. 2. Mahatma Gandhi. 3. Índia. 4. Verdade. 5. Não-Violência. I. Silva, Teresinha Vânia Zimbrão da , orient. II. Loundo, Dilip, coorient. III. Título.


Anderson Azevedo Ferigate

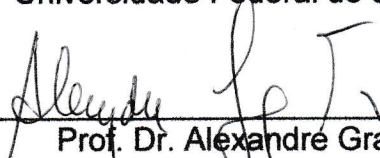
**A presença de Gandhi na literatura de Cecília Meireles**

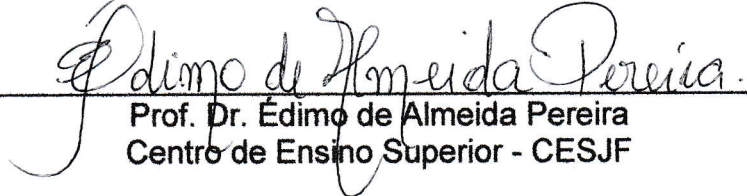
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Área de Concentração em Literatura, identidade e outras manifestações culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 2010 a 2018

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Teresinha Vânia Zimbrão da Silva (Orientadora)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

  
Prof. Dr. Alexandre Graça Faria  
Universidade Federal de Juiz de Fora

  
Prof. Dr. Édimo de Almeida Pereira  
Centro de Ensino Superior - CESJF

Dedico esta dissertação à memória da pessoa que sempre me incentivou a sempre ir atrás dos meus sonhos e que sempre praticou, mesmo sem saber, o amor e a Não-Violência de Gandhi, minha avó materna, Maria José de Azevedo.

## AGRADECIMENTOS

Quero, primeiramente, agradecer à minha mãe, D. Vera, que em todos esses anos nunca me cobrou nada, mas sempre me apoiou, seja financeira, seja emocionalmente. Aos meus sobrinhos Rafael e Bernardo que, embora tão novos, despertam em mim o desejo de ser um ser humano melhor, dedicado à Não-Violência. Agradeço, também, a algumas pessoas especiais que não me deixaram esmorecer nesse tempo todo de graduações e mestrado: Tiago Fontoura, Márcia Mello, Adriana Ribeiro de Almeida, Reinaldo Émerson, Wallace Castro, Alisson Messias, Jonathan Gomes e, in memoriam, à Fátima Bittar, que nos deixou tão precocemente, mas deixou em mim, uma saudade que não irá se apagar. Minha gratidão ao doutorando em Ciência da Religião, Bruno do Carmo Silva, que prontamente fez as transliterações dos termos indianos para o português; ao meu amigo Johnata Montan pela ajuda no inglês.

Na pesquisa e no aprendizado não poderia deixar de agradecer aos professores (as) do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFJF, especialmente àqueles cujas disciplinas contribuíram direta ou indiretamente para a redação deste texto: Nícea, Rose, Gilvan, Maurício, Fiorese. Um agradecimento especial ao professor Alexandre Faria que, além de ter aceitado fazer parte da minha banca e ter feito valiosas contribuições na minha qualificação, também foi um dos primeiros a ler e gostar daquilo que viria a ser um dos capítulos da dissertação. Também estou muito agradecido pelo aceite do professor Édimo de Almeida Pereira em ser o membro externo da minha banca e ser mais um olhar crítico para o meu crescimento acadêmico. Não poderiam faltar aqui, em especial, os meus orientadores: meu Coorientador, Dilip Loundo, que foi o primeiro a despertar em mim essa curiosidade pela Índia na literatura brasileira e em Cecília Meireles e que foi um mestre da generosidade em todos os nossos encontros. Minha orientadora, Teresinha Zimbrão, um olhar atento e cuidadoso ao meu texto, sempre procurando lapidá-lo e melhorá-lo em função do leitor. A vocês dois, muito obrigado por essa jornada incrível com Cecília e Gandhi.

Tenho que agradecer à Capes, pelo financiamento e pela aposta nesta pesquisa no último ano. E muito obrigado a todos os funcionários e professores dessa querida Universidade Federal de Juiz de Fora, à qual eu estou vinculado desde 2003. Sentirei saudades e que venham novos encontros.

## RESUMO

A obra literária de Cecília Meireles, especialmente a poesia, é bastante conhecida por boa parte dos apreciadores da literatura nacional, especialmente por livros como *Viagem e Romanceiro da Inconfidência*. No entanto, ainda há um aspecto de sua obra pouco estudado pela crítica e pela academia: a intensa relação que a autora estabeleceu com a cultura indiana. Pretende-se, portanto, mostrar a presença, na literatura ceciliana, especificamente nas crônicas e nas poesias, dos princípios filosóficos mais determinantes do legado do Mahatma Gandhi, o principal líder político e religioso da Índia no século XX, a saber: *Satyagraha* – a busca pela Verdade e o *Ahimsa* – o princípio da Não-Violência. Mostra-se, também, que essa intensa relação intercultural com o país se deu desde muito cedo na vida da escritora e percorreu de maneira direta ou indireta toda sua trajetória literária, seja na busca de autoconhecimento, de desapego, como na tentativa de aplicar aqueles valores éticos de Gandhi em sua própria vida e que aparecem refletidos em sua literatura. A dissertação vem, portanto, contribuir, no âmbito das relações interculturais, para a discussão acadêmica a respeito da forte presença de Gandhi na literatura de uma das mais reconhecidas escritoras de língua portuguesa, Cecília Meireles.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Mahatma Gandhi. Índia. Verdade. Não-Violência.

## ABSTRACT

Meireles' literary work, especially the poetry, is well known by most of national literature appreciators, particularly for books like "Viagem" and "Romanceiro da Inconfidência". However, there is still an insufficiently studied aspect of her work by critics and the literary academy: the intensive relation that she established with the Indian culture. Therefore, it is intended to present, in her production, specifically on her chronicles and poetry, the most defining philosophical principles from Mahatma Gandhi, India's most important political and religious leader from the 20<sup>th</sup> century, i.e. *Satyagraha* – the seek for the Truth and Ahimsa – the Non-Violence principle. It is also known that this massive intercultural relation with the country began in the early years of Meireles and covered, directly or indirectly, all her literary work, either on the seek for self-knowledge and detachment or on the attempt to apply Gandhi's ethical values on her own life, which is reflected in her literature. Thus this dissertation contributes, in the context of intercultural relations, to the academic discussion about the strong presence of Gandhi on the work of one of the most renowned writers of Portuguese language, Cecília Meireles.

Keywords: Cecília Meireles. Mahatma Gandhi. India. Truth. Non-Violence.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 CECÍLIA MEIRELES E GANDHI .....</b>	<b>11</b>
1.1 As relações culturais entre Meireles e a Índia.....	11
1.2 Cecília e Gandhi.....	17
1.3 Verdade e Não-Violência: princípios éticos e filosóficos de Gandhi.....	22
<b>2 A PRESENÇA DE GANDHI NAS CRÔNICAS CECILIANAS .....</b>	<b>29</b>
2.1 As crônicas de viagem .....	29
2.2 As crônicas de educação .....	44
2.3 Outras crônicas: o aniversário de Gandhi .....	50
<b>3 A PRESENÇA DE GANDHI NA POESIA CECILIANA.....</b>	<b>55</b>
3.1 Os anos iniciais .....	55
3.2 Cânticos, viagem e outras obras da maturidade .....	59
3.3 Poemas escritos na Índia e a elegia sobre a morte de Gandhi .....	73
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>88</b>

## INTRODUÇÃO

Foi uma enorme surpresa para mim, enquanto leitor de literatura brasileira e aluno de Letras, descobrir que um dos maiores expoentes da poesia nacional tivesse tido contato com a nação indiana ou que sua obra refletisse a presença dessa cultura milenar. Esta surpresa se repete por onde passo e apresento em minha pesquisa, uma faceta desconhecida, inclusive, para alguns professores de Literatura. O leitor desavisado e ocasional de Cecília Meireles, provavelmente, leu o *Romanceiro da Inconfidência* ou, talvez, alguns de seus *Cânticos*, sem que tenha passado por sua mente as contribuições da cultura acima mencionada. No entanto, ao longo desta dissertação, mostrarei que a cultura e a filosofia indianas se mostraram presentes para contribuir na formação da Cecília cidadã, contribuindo também para o debate político-pacifista no mundo; da Cecília pedagoga e, por isto mesmo, envolvida com a causa da educação; e, principalmente, da Cecília escritora, permeando sua literatura.

O foco da pesquisa é o Mahatma Gandhi, mais precisamente como surge a presença dos ideais desse importante líder político e religioso indiano na obra literária de Cecília Meireles. Com esse intuito, a dissertação foi dividida em três partes: no primeiro capítulo, a preocupação é mostrar ao leitor de onde vem toda essa bagagem cultural que Meireles tinha sobre Gandhi e, para chegar nesse ponto, foi necessário fazer o percurso completo e mostrar que o que vemos como a presença gandhiana em sua obra é resultado de relações muito mais intensas com a própria cultura daquele país. Relações estas que remontam à sua infância. Essa curiosidade inicial infantil vai alimentar o desejo em aprender a cultura e as línguas daquele povo. Uma afinidade que leva em conta a própria religiosidade hindu, budista e jainista que se desdobrará em poemas e crônicas. Também é mostrado nessa sessão que essa presença pode ser notada desde sua produção, inicial na coletânea *Espectros*, na admiração que ela nutria pelo poeta indiano Rabindranath Tagore, em obras menos evidentes como os já citados *Cânticos* e o *Romanceiro da Inconfidência* e, claro, em obras em que esse tema aparece de modo incontestável, como é o caso de *Poemas escritos na Índia*. Na segunda e na terceira partes do Capítulo 1, entro formalmente nas afinidades entre Cecília Meireles e Gandhi. Primeiro, analiso a forma como as atitudes do Mahatma, principalmente as políticas

\_ que tinham como base seus princípios filosóficos \_ envolveram a escritora. Depois, faço um amplo esclarecimento desses mesmos princípios, em especial o *Satyagraha* e o *Ahimsa*, justamente por ser importante seu correto entendimento e, assim, consigamos percebê-los na literatura ceciliana. É um capítulo em que a fortuna crítica se concentra em autores indianos especialistas em Gandhi, como Ravindra Varma, Makarand Paranjape e Santhan Varguese, que explicam a força desse legado cultural e como esses princípios filosóficos podem ser entendidos e aproveitados em nosso mundo contemporâneo, além do próprio Mahatma Gandhi em sua autobiografia. Para ilustrar essa presença utilizo alguns textos da própria Cecília Meireles, além do professor e pesquisador Dilip Loundo, um dos poucos pesquisadores brasileiros a se dedicar, especificamente, às relações estabelecidas entre a autora e a cultura indiana.

No capítulo 2, começo a análise das crônicas cecilianas e, antes disso, preferi fazer uma abordagem da importância das crônicas dentro da obra de Cecília, da sua forte carga lírica, mesmo na prosa, e dos vários tipos de viagens que realizou em vida e como elas se refletem na produção dos textos. Sobre isso, busco o referencial de Alfredo Bosi, Ignácio de Loyola Brandão, Darci Damasceno, Leodegário de Azevedo Filho, Fernando Cristovão e, novamente, Dilip Loundo, além de me basear no italiano Giorgio Agambem para falar da contemporaneidade dessas crônicas.

O último capítulo é dedicado à poesia produzida por Meireles que possua algum traço da presença daqueles ideais gandhianos. Devido ao vastíssimo material poético produzido pela escritora, foi necessário fazer recortes, mas sem deixar de abranger os vários momentos de sua vida literária: da produção inicial, passando por *Cânticos* e *Viagem*, e terminando nas análises da produção escrita na Índia e no belo poema fúnebre feito em memória de Gandhi, mantendo os mesmos comentadores do capítulo anterior.

Portanto, o presente trabalho pretende enriquecer um pouco mais a fortuna crítica sobre Cecília Meireles nas letras brasileiras, buscando apresentar as relações interculturais que a escritora estabeleceu com os ideais filosóficos de Mahatma Gandhi e a presença dos mesmos em sua literatura.

# 1 CECÍLIA MEIRELES E GANDHI

## 1.1 As relações culturais entre Meireles e a Índia

Quando se olha com atenção para a obra de Cecília Meireles percebe-se a presença da Índia milenar ao longo de sua literatura. Presença esta, aparente e óbvia em certos momentos e apenas simbólica ou como força motriz e inspiradora em outros. Todo esse diálogo intercultural tem como base uma consciência profunda que a escritora tinha da existência e uma noção espiritual de desapego como forma de compreender a realidade. Importa notar que Cecília viajou, tanto em sentido metafísico-espiritual, quanto em sentido real, para a Índia. Nessas viagens deparou-se com a saga, o destino e a biografia dos grandes homens que formaram aquele país, personalidades reais que muito tinham a dizer sobre a Índia contemporânea. Entre esses vultos do mundo real destacam-se o Nobel de Literatura de 1913, Rabindranath Tagore (1861 - 1941), e o líder pacifista Mahatma Gandhi (1869 – 1948).

Desde muito cedo, as referências indianas aparecem em sua poesia. O segundo poema de sua primeira coletânea, *Espectros*, de 1919, traz *Brâmane*, aqui reproduzido em suas duas últimas estrofes.

Ao sol, que os céus abraça e o chão calcina,  
Impassível, a sílaba divina  
Múrmura... E a cólera hibernal do vento

Não ousa à barba estremecer um fio  
Do esquelético hindu, rígido e frio,  
Que contempla, extasiado, o firmamento. (MEIRELES, 2003, p. 210)

Essa primeira inserção indiana em sua obra poética antecipa muito do que há por vir em sua literatura. Ainda que essa poesia inicial tenha sido excluída da *Obra Completa* pela própria autora, sua leitura revela muito de um lirismo místico vindo de Tagore. Essas primeiras impressões, caracterizadas por uma ideia neorromântica de uma realidade sombria e por uma tendência escapista de fuga do mundo, vão mudar com as *viagens* de Cecília.

Viagem, como irá se verificar adiante, é uma palavra essencial para entender Cecília Meireles, e marca a sua jornada de autoconhecimento, tanto no sentido literário quanto no sentido físico, por várias partes do mundo. Com a coletânea *Viagem*, de 1939, Meireles conseguiu chamar a atenção para o seu nome na literatura nacional. Mário de Andrade, por ocasião do lançamento dessa coletânea, diz sobre a autora:

E dentro de sua grande técnica, eclética e energicamente adequada, se move a alma principal de Cecília Meireles. Alma grave e modesta, bastante desencantada, simples e estranha ao mesmo tempo, profundamente vivida. E silenciosa. Porque é extraordinária a faculdade com que a poetisa sabe encher de silêncio as suas palavras. (ANDRADE apud CRUVINEL, 2014)

O lirismo filosófico ceciliano, em relação a outras culturas como a portuguesa, italiana, holandesa ou indiana, expressa o desejo de absorver os fundamentos desses povos. Entre esses se destaca o último citado e a consequente transformação em prosa e poesia totalmente suas e originais na literatura brasileira. O caminho evolutivo de Meireles enquanto escritora foi abastecido pelo conhecimento dos livros sagrados do hinduísmo, em especial, os *Upaniṣads*<sup>1</sup>.

O ponto culminante de sua relação com o país do Taj Mahal foi sua viagem para lá. Cecília visitou a Índia em 1953 e passou três meses. De sua estadia no país oriental saíram obras importantes como suas crônicas, reunidas mais tarde pela Editora Nova Fronteira em *Crônicas de viagem*, em que nos volumes 2 e 3 se concentram aquelas dedicadas à cultura indiana, e também *Poemas escritos na Índia* que, como revela o próprio título, reúne a poesia formal que escreveu durante sua jornada. Dilip Loundo, em seu artigo “Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética” (2007, pp. 129-136.), analisa o périplo de Cecília: os lugares que visitou as circunstâncias em que descreveu e as pessoas que conheceu. Apesar dessa viagem ter acontecido quando Cecília já contava com 51 anos, seu contato com a civilização indiana confirmou o que ela havia estudado há décadas. Na verdade, tratou-se de uma reafirmação daquilo que sua fecunda imaginação já tinha posto em versos desde cedo. Sua jornada naquele país tinha um propósito muito íntimo: o seu “encontro” com o “velho amigo”, Mahatma Gandhi. Loundo diz (2007,

---

<sup>1</sup> Os Upaniṣads correspondem à última seção dos *Vedas*, os textos sagrados que tratam de questões metafísicas e de salvação, uma coletânea de mais de 100 textos antigos em sânscrito.

p. 160) que além de ter ido aprender sobre a filosofia gandhiana, a escritora queria aprender sobre a sua política, algo que compreendia muito bem porque o Brasil também havia sido colonizado por uma nação europeia.

O pesquisador ainda afirma que houve um grande contexto intercultural nessa viagem que uniu tudo o que Cecília havia aprendido sobre a Índia, por via indireta, com o que ela presenciou em seu percurso. Nada mais natural, portanto, que esse intercâmbio cultural aparecesse de modo muito bem apurado em sua produção literária, como no já citado *Poemas escritos na Índia* e nas crônicas publicadas em vários jornais e revistas na época e reunidas em *Crônicas de Viagem*.

O convite para essa jornada indiana partiu do próprio governo daquele país para que ela participasse de um seminário internacional em comemoração ao centenário do nascimento de Gandhi. Nos 67 dias em que lá ficou passou por muitas cidades indianas, muitas das quais viraram poesias e crônicas: Nova Délhi, Sikandara, Agra, Fatehpur, Sikri, Jaipur, Patna, Calcutá, Cuttak, Puri, Chennai, Coimbatore, Bangalore, Hyderabad, Golconda, Aurangabad, Ajantá e Goa. Na segunda parte da sua viagem, ela se juntou ao marido, Heitor Grillo, que viajava como membro do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e que tinha o intuito de conhecer instituições de pesquisas agrícolas naquele país. A agenda da autora, portanto, ficou à mercê dos compromissos oficiais do esposo. Durante quase toda sua viagem, Cecília Meireles viajou praticamente anônima, o que lhe dava uma sensação de desapego do ego muito grande. Isso mudou em Goa, que, então, era uma colônia portuguesa e vivia uma tensão muito grande com movimentos por sua libertação, situação que deixou a escritora em posição muito embaraçosa, já que se tratava de um conflito entre dois povos que ela amava: o português e o indiano. Por isso mesmo, preferiu se abster de comentários políticos nessa cidade. Ela era reconhecida pela elite portuguesa local como grande poeta da língua pátria e, justamente por isso, por onde quer que fosse, era homenageada e entrevistada, sendo, portanto, a parte mais documentada de sua viagem. Não à toa, Goa se tornou tema de algumas crônicas cecilianas e a poeta não deixava de fazer reflexões sobre as semelhanças e diferenças entre a cidade indiana e o Brasil. No dia 06 de março daquele ano, a escritora deixou a Índia trazendo na mala os pensamentos, emoções e sensações daquela civilização milenar e, ainda assim, tão parecida com a sua pátria.

Essa viagem foi o grande encontro de Meireles com o país pelo qual tinha grande fascínio. Fascínio este que começa muito cedo, ainda antes da coletânea *Espectros*. Já na infância, ouvia histórias contadas por sua avó materna sobre a navegação portuguesa às Índias no tempo das colônias e da quantidade imensa de costumes e mercadorias que foram trazidos daquela terra. Segundo ela própria em *Meus “orientes”*:

Minha avó, que falava uma linguagem camoniana, costumava dizer, em certas oportunidades: “Cata, cata, que é viagem da Índia!” Eu ainda não conhecia o sentido náutico do verbo “catar”: mas parecia-me que, com aquele estribilho, tudo andava mais depressa, como para uma urgente partida. (MEIRELES, 2016, p. 36).

Essa frase de sua avó também é o título de um belíssimo poema em que a escritora retrata essa exploração de herança colonial na Índia:

“Cata, cata, que é viagem da Índia...”

As horas de navegação, minha filha,  
Os adeuses dos lenços,  
A morte nos barcos.  
Rezemos pelos naufragos,  
A ordem do rei,  
O rei que Deus tenha na glória  
\_ mas por que os reis querem ser donos do mundo? (MEIRELES, 2003, p. 234)

À medida que cresce, os contos da avó são substituídos pelo estudo, pela curiosidade de ir às fontes verdadeiras daquele país desconhecido. Só o conhecimento poderia ajudá-la nessa tarefa. Por isso, ela estudou e sabia com proficiência hindi e sânscrito. Foi também responsável pelos cursos de literatura comparada e de literatura oriental entre 1935 e 1937. Baseado nesses cursos e no que deixou escrito, segundo o pesquisador Dilip Loundo (2007, pp. 143-144), percebe-se que ela estudou com profundidade a literatura sânscrita clássica como *Ramayana*, os *Vedas*, os *Upanishads*, os *Sutras* budistas e a própria vida de Sidarta Gautama, que lhe interessava bastante. Leu e traduziu poetas místicos como Kabir (1440 – 1518) e autores que lhe foram contemporâneos como Naidu (1879 – 1949). Mas, sem dúvida, os autores indianos que mais causaram impacto na doutora *Honoris Causa* em Letras pela Universidade de Nova Delhi, título dado à Cecília por

ocasião de sua viagem ao país asiático em 1953, são os já citados Tagore e Gandhi, como ela própria confessa em suas crônicas.

Num dado momento, a Índia projetou-se no Ocidente com um esplendor fora do comum: dois homens a tornavam assim radiosa e atraíam para ela o respeito e a admiração dos povos – Rabindranath Tagore e o Mahatma Gandhi. Isso foi no tempo em que se preparava a sua independência, para a qual, de maneira diversa, porém, igualmente notável, contribuíram esses dois grandes espíritos. (MEIRELES, 2016, p. 134)

Cada um deles contribuiu de maneira decisiva para a forma como Cecília via o mundo e traduzia isso em literatura. Tagore, desde a juventude da escritora, era o grande referencial poético e espiritual. Em 1924, com apenas 23 anos e por ocasião da passagem do poeta laureado pela América Latina, Meireles lhe dedicou o poema “Ó Diviníssimo Poeta”, no qual demonstra seus sentimentos: mistura de tristeza e temor de que a presença física do escritor pudesse, de alguma forma, apagar o brilho de sua aura mística e literária.

E tu estavas perdido no prestígio glorioso da ausência...  
Penso que vais aparecer... Meus olhos andam tristes...  
Os tempos não têm clemência! Os homens não têm clemência!  
E todos vão saber que vives, que és, que existes!...

Sofro porque eras o Todo Longe, o Todo Altura,  
O Creador, que ninguém sabe como será...  
É muito, é enormemente doloroso ser criatura...  
Rabindranath! Rabindranath! Rabindranath! (MEIRELES, 2003, p. 212)

Cecília fez inúmeras traduções de suas obras – os sete poemas de *Puravi*; os contos, *Mashi*, *Raja* e *Rani*; o romance *A Quatro Vozes*; a peça de teatro *O Carteiro do Rei*, além do próprio hino nacional indiano. Ainda publicou artigos e conferências sobre o escritor, além de ter sido a responsável por organizar, junto ao MEC (antigo Ministério da Educação e Cultura), as comemorações, no Brasil, do centenário de vida do poeta em 1961. Essa admiração pelo grande poeta hindu pode ser vista nos versos de “Cançãozinha para Tagore”:

Àquele lado do tempo  
onde abre a rosa da aurora,  
chegaremos de mãos dadas,  
cantando canções de roda  
com palavras encantadas.



Para além de hoje e de outrora,  
veremos os reis ocultos,  
senhores da vida toda,  
em cuja etérea cidade  
fomos lágrima e saudade  
por seus nomes e seus vultos

Àquele lado do tempo  
onde abre a rosa da aurora,  
e onde mais do que a ventura  
a dor é perfeita e pura,  
chegaremos de mãos dadas

Chegaremos de mãos dadas,  
Tagore, ao divino mundo  
em que o amor eterno mora  
e onde a alma é o sonho profundo  
da rosa dentro da aurora.

Chegaremos de mãos dadas  
cantando canções de roda.  
E então nossa vida toda  
será das coisas amadas. (MEIRELES, 2003, p. 164)

O próprio título revela uma grande proximidade afetiva ao colocar canção no diminutivo, evidenciando um carinho para com o destinatário do poema. Os versos reforçam o desejo de comunhão de almas, um desejo puro como o das crianças em roda e da ingenuidade de existências vividas com amor.

Igualmente importantes foram os ensinamentos de Tagore sobre educação, visto que ele era fundador de uma universidade na Índia e a própria Cecília era uma pedagoga, sempre interessada numa forma de educar os brasileiros.

A ligação da autora do *Romanceiro da Inconfidência* com os personagens reais e importantes da civilização indiana se estende até o fim de sua vida. No ano em que morreu, em 1964, ainda dedicou um último poema ao homem que tinha formalizado o convite para a conferência sobre Gandhi em Nova Delhi e do qual ela era grande admiradora, o líder político Jawaharlal Nehru. “A Breve Elegia ao Pandit Nehru” foi escrito para homenagear a memória do primeiro e mais longo primeiro-ministro da Índia. Homenagem que já começa no título, pois *pandit* é erudito em hindi e a forma carinhosa pela qual também era chamado.

Uma pequena rosa para aquele que gostava de trazer um botão de rosa ao peito. Para aquele que trazia uma rosa no coração, aberta a generosos ventos. Uma pequena rosa.

Um pensamento belo para aquele que só entendia a vida quando inspirada por um sopro de beleza. Para que assim também se entenda a morte, um pensamento belo.

Uma luz para aquele homem de cristal que brilhava entre os esmaltes verdes e azuis dos jardins. Que parava, afetuoso, diante dos lótus amados, no seu mundo de água. Uma clara luz.

Um silêncio para o herói de tantas batalhas, nos combates da liberdade. Um silêncio para o que tornou próximo de todos o seu país distante, e amado por todos o seu povo mal conhecido. Um silêncio para o herói que se foi reunir aos outros heróis da Índia; pois este é o momento dos grandes encontros, da ressurreição, da permanência. E esta uma assembleia imortal. Um silêncio.

Uma pequena rosa. Um pensamento belo. Uma luz. Um silêncio

Uma coroa para a alma do Pandit Nehru. (MEIRELES, 2003, p. 244)

E com rosa, pensamento, luz e silêncio, Cecília Meireles também se despede da vida em novembro daquele ano, deixando como legado seu enorme lastro literário e a tentativa de uma vida inteira de aproximação e entendimento de uma cultura diferente da brasileira. Tudo isso porque, em suas palavras, em uma rara entrevista que deu ao jornal *Heraldo*, em 1953, Cecília exalta a literatura e a cultura indianas: “Senti-me atraída pela magia de seus versos e de seu estilo... Deixe-me dizer que a literatura indiana (bem) como a sua civilização, a sua arte, música etc... eram pouco conhecidas no Brasil e ainda hoje tem raros cultores.” (MEIRELES, 2003, p. 268)

## 1.2 Cecília e Gandhi

Sobre a importância filosófica de Gandhi na obra de Cecília, detalharei na terceira seção deste capítulo. Por ora, irei me dedicar em explicitar as características e a biografia deste homem e suas conexões com a escritora brasileira.

Eu não gosto da vossa gente e não estou com vontade alguma de lhe fazer favores, Mas que fazer? Desejaria, por vezes, que recorrêsseis à violência, como os grevistas ingleses (...) mas vós nem sequer estais com vontade de fazer mal aos vossos inimigos; quereis vencer unicamente pelo fato de tomardes sofrimentos e nunca transgredis os limites da vossa cordialidade e

do vosso cavalheirismo. E é precisamente essa vossa atitude que nos torna totalmente inermes diante de vós. (RODHEN, 2012, p. 47)

Estas palavras, ditas por um alto oficial do Império Britânico quando Gandhi foi preso, causaram impacto nos ocidentais e nos apresentaram a característica principal pela qual o Mahatma viria a ser conhecido, que é a causa da Não-Violência (Ahimsa). Transmitem também o espanto de quem estava acostumado a responder a violência com mais violência. É o tipo de atitude que o levou a ser admirado no mundo todo, inclusive por Cecília Meireles que, como já demonstramos, desde muito nova tinha interesse pelo que acontecia na Índia.

Antes de entrar, especificamente, nas relações que se pode estabelecer da herança gandhiana na obra da autora de *Poemas escritos na Índia*, é preciso explicar quem era este homem, os seus ideais e as atitudes que tomou durante a vida, e que tanto fascinaram e inspiraram nossa escritora.

Mohandas Karamchand Gandhi, por ter sido um homem da segunda metade do século XIX, na Índia, deparou-se com costumes antiquíssimos, com uma nação essencialmente agrária e colonizada pelo Império Britânico. Era de família importante, tendo seu pai sido primeiro-ministro do Estado de Gurajat. Por isso mesmo, não sofreu, na infância e na adolescência, a humilhação da miséria imposta à maioria da população. Aos 13 anos estava casado com Kasturbai e aos 18 foi estudar Direito em Londres. No início da temporada londrina, tentou seguir a moda europeia, mas, em pouco tempo naquelas terras, convenceu-se de que sua essência era outra. Os primeiros livros que tiveram impacto em sua vida foram o *Bhagavad Gita* \_ que ele já conhecia desde sua infância, mas que o fascinou na tradução poética para a língua inglesa feita por Edwin Arnol - e o *Sermão da Montanha*, do evangelho cristão, fazendo dos dois um amálgama de espiritualidade ocidental e oriental que reverberaria também na obra ceciliana, algo possível de se averiguar em livros como os *Poemas escritos na Índia*.

Mais conhecido como Mahatma Gandhi (do sânscrito, Mahatma = a Grande Alma), formou-se em Direito em 1891, retornou à Índia, mas não logrou êxito como advogado. Em 1893 resolveu ir para a África do Sul representar os direitos de uma firma indiana em processo judicial. Em pouco tempo, o jovem profissional se viu envolvido na questão da exploração sofrida pelos imigrantes indianos nas mãos do mesmo colonizador que assolava a Índia, o Império Britânico. Por insistência de

alguns amigos, resolveu conduzir a disputa por direitos de seus compatriotas naquele país. Acabou ficando lá por 30 anos defendendo os direitos da minoria hindu e podendo colocar em prática seus ideais.

Dois lemas indianos, trazidos dos antigos textos sagrados, se tornaram mantras para ele e também os principais postulados de seu pensamento político: *Satyagraha*, o caminho ou a busca da Verdade e *Ahimsa*, o princípio da Não-Violência. Esses princípios serão melhor explicados na próxima seção. Mas, pode-se adiantar que, com eles, “Gandhi transformou a política em um campo de atividades intensamente religioso e inspirador ao incorporar o mais alto padrão ético e espiritual em sua agenda para libertar a Índia”. (PARANJAPE, 2010, p. 109)

Ao propor uma ação que englobava boicotes e desobediência civil, Gandhi e seus companheiros foram presos em inúmeras oportunidades e, como seus seguidores, nunca responderam com violência. Os colonizadores britânicos começaram a se incomodar com aquilo que não entendiam e que não podiam enfrentar, gerando comentários como o do alto funcionário que abre esta sessão.

Claro que, antes de propor seus métodos a outros, o então jovem líder teve que usá-los em si mesmo e operar uma mudança interna necessária. Isso resultou de um diálogo contínuo entre seus ensinamentos e os discípulos a quem ele instruía:

Os meus educandos se tornaram meus educadores, porque me obrigam a exercer sobre mim mesmo a mais rígida disciplina e autodomínio, sob pena de ver frustrados os meus trabalhos pedagógicos. Tive de educar-me plenamente a fim de poder educar os meus educandos (GANDHI apud RODHEN, 2012, p. 42)

Com o sucesso de sua empreitada africana e o reconhecimento internacional, Gandhi voltou sua atenção para a causa da Independência da Índia. Por isso, retorna à sua terra natal em 1915 e começa um trabalho de conscientização de seus princípios mais caros. Após alguns anos nessa divulgação e de muitos embates com o governo colonizador, o grande acontecimento que viria a dar notoriedade mundial à causa da Independência foi a chamada Marcha do Sal, em 1930. O Império Britânico havia instituído uma lei que proibia os indianos de produzir seu próprio sal, obrigando-os a comprar dos depósitos ingleses, o que gerou grande insatisfação popular, visto que a Índia possuía um enorme litoral e tinha capacidade de beneficiar

o próprio alimento. Mahatma começou então a organizar a resistência de forma pacífica, convocando o povo e indo com eles à praia para retirar o sal. Houve inúmeras prisões, inclusive a sua, mas a resistência não parou e houve forte pressão internacional. Por fim, o governo britânico cedeu às exigências, libertou os prisioneiros, deu mais autonomia ao Congresso Nacional Indiano<sup>2</sup> e, claro, permitiu a fabricação de sal na costa daquele país.

É essa figura emblemática de Gandhi que traz outra dimensão da Índia para Meireles, complementando a visão literária trazida por Tagore, principalmente a noção de paz como Não-Violência (ahimsa) trazida dos Upanishads. Mais do que Tagore, era Gandhi quem representava para a escritora o grande símbolo que unia uma cultura ancestral com o moderno Estado que estava sendo criado. Ela acompanhou de perto toda a luta pela independência, desde o princípio, passando pelo desenrolar do conflito até o trágico assassinato do grande líder espiritual. Reconhecia, pois, naquela figura resoluta, enrolada em panos brancos, muito mais do que um revolucionário. Isso porque sua práxis sempre foi a de alguém destinado à “imortalidade” dos grandes homens. Esses grandes e, paradoxalmente, pequenos gestos, a poeta enxergou na firme obstinação daquele líder, que tinha o propósito de experimentar em si mesmo o humilde caminho dos homens, fazendo disso sua justa contribuição para o processo de extinção da exploração sofrida por todo o povo indiano.

Mais importante ainda é o exemplo do caminho espiritual adotado pelo Mahatma, cujo fundamento ontológico fez do movimento sócio-político um compromisso com a ética e a Verdade. A renúncia é um dos pilares dos textos sagrados hinduístas, e a renúncia e o despojamento físico de Gandhi reverberaram em Meireles, que se despiu e renunciou nas profundezas de si e na grandeza da poesia que compôs. Não é surpresa, portanto, que muitas das ideias gandhianas sobre educação tenham sido de enorme impacto na escritora. ,

Gandhi teve um grande discípulo espiritual chamado Vinobha Bhave e, apesar de não se ter registro de que Cecília tenha conhecido ou trocado correspondência com o mesmo, ela fez o belo poema “Fala”, em que o compara não só a Gandhi, mas ao próprio Buda, reconhecendo nele um herdeiro legítimo da

---

<sup>2</sup> Organização indiana que lutou pela independência do País.

Ahimsa: “Já tivemos Gautama e Gandhi/ E hoje temos Vinobha Bhave. / Procurai-o (não sei por onde): / ele está em toda parte”. (MEIRELES, 2003, p. 120)

Em 14 de agosto de 1947 foi proclamada a Independência da Índia. No entanto, o grande arquiteto daquele feito não estava nas comemorações. Havia um trauma e uma divisão interna que transformava o país em dois. Gandhi lamentou, porém não conseguiu impedir a criação de uma Índia independente e hindu separada do Paquistão, também independente, porém, muçulmano. Em 30 de janeiro de 1948, a grande alma foi assassinada por um radical que não aceitava a divisão da Índia e considerava Gandhi um traidor.

Telegramas, jornais, rádios, televisão e toda forma de comunicação possível foram utilizados para transmitir ao mundo o trágico homicídio. O Mahatma, aquele homem que justamente pregava a Não-Violência, foi vítima daquilo que combatia. A essa altura, Gandhi era o grande líder místico-pacifista que encantou os ocidentais ao conseguir a independência de seu país com sua práxis da paz. O impacto da notícia foi devastador em todos que o admiravam ao redor do mundo.

No Brasil não foi diferente. Cecília Meireles, como grande admiradora da cultura indiana e, mais ainda, como uma ouvinte atenta dos princípios e conceitos do Mahatma, registrou de maneira impactante como a morte violenta do grande líder mexeu profundamente com seu mundo interior e escreveu a bela “Elegia sobre a Morte de Gandhi”, sobre o qual farei uma análise mais aprofundada no capítulo reservado à poesia, embora neste momento, sejam cabíveis algumas considerações.

Uma elegia é sempre um canto fúnebre em homenagem a alguém querido, um canto de dor, mas também de celebração da memória e dos feitos de quem morreu. Meireles escreveu o poema em 30 de janeiro de 1948, o dia exato do assassinato, estando, então, em pleno processo de luto por aquele homem que admirava. Ainda assim, o lamento de Cecília não é apenas pelo desaparecimento do Mahatma, porém, sobretudo, pelo fato dos homens não terem conseguido absorver o sentido de suas palavras, o significado da *Ahimsa*, da Não-Violência.

O vento da tarde vem e vai da Índia ao Brasil,  
e não se cansa  
Acima de tudo, meus irmãos, a Não-Violência.  
Mas todos estão com seus Revólveres  
fumegantes no fundo dos bolsos.

E tu eras, na Verdade,  
o único sem revólveres, sem bolsos, sem mentiras  
\_ desarmado até as veias, livre da véspera  
e do dia seguinte. (MEIRELES, 2003, p. 220)

### 1.3 Verdade e Não-Violência: princípios éticos e filosóficos de Gandhi

Antes de adentrar a obra ceciliana em busca da presença dos ideais do Mahatma, é importante trazer à luz quais eram esses ideais e como encontraram ressonância em Cecília Meireles.

Importante destacar que a filosofia gandhiana era da práxis, portanto, uma ética voltada para o exemplo e a atitude. Muito mais do que parecer didático, seus seguidores deveriam mirar o que ele fazia consigo mesmo, seguindo à risca aquilo que pregava.

Gandhi disse em diversas oportunidades que seus pensamentos e atitudes baseavam-se em dois princípios sagrados do hinduísmo: *Satyagraha* – a busca pela Verdade e *Ahimsa* – Não-Violência. Ele insistia em que o propósito da Não-Violência não poderia ser desvinculado da busca pela Verdade. Como dois lados da mesma moeda, um estava ligado ao outro:

Só posso dizer que não poupei sofrimentos para ser fiel aos fatos. Tem sido um esforço incessante descrever a Verdade como ela se apresentou a mim e o exato modo como a alcancei. Esse exercício me tem me proporcionado uma inefável paz mental, pois minha profunda esperança sempre consistiu em levar aos hesitantes a fé na Verdade e no *ahimsa*. (GANDHI, 2001, p. 427)

A busca pela Verdade tornou-se o foco da vida de Gandhi. Em torno dessa busca, fez várias experiências consigo mesmo, com sua família e com os indianos. Para ele, a Verdade era o princípio soberano que englobava todos os outros. Um princípio que, para além das nossas Verdades relativas da percepção, diz respeito à Verdade absoluta, a Deus. Diz Gandhi (2001, p. 19): “Venero a Deus como sendo a Verdade Única”.

Essa experiência começou na sua estadia na África do Sul e na luta pelos direitos civis dos indianos lá radicados. A ideia de usar a “força do espírito” como meio pacífico e ativo de resistência à força do colonizador foi o que o moveu para a luta em benefício do mais pobre, do explorado.

O *satyagrahi*, aquele que pratica a *Satyagraha*, é o indivíduo que, após a busca da Verdade em espírito de paz e benevolência, afirma-se como um praticante da Não-Violência em confronto com as injustiças cometidas. Em seu ato de resistência pacífica, o *satyagrahi* sempre informa seu adversário sobre suas intenções e evita sistematicamente a prática de ocultar informações que lhe possam ser vantajosas.

Foi o que o Mahatma executou na África do Sul e depois levou para a própria Índia na busca pela independência. Sempre cômico dos seus deveres para com a Verdade, ele nunca ocultou as suas intenções de seus adversários, agindo sempre no dever daquilo que julgava correto, seja através de boicotes aos produtos ingleses, seja através da desobediência civil.

Os críticos podem observar muitas mudanças de opinião de Gandhi ao longo da vida. Ele causou polêmica com algumas posturas consideradas radicais nos temas da educação, da saúde e até mesmo na sua vida doméstica. Em *Hind Swaraj: Autogoverno da Índia*, livro escrito em forma de um diálogo hipotético entre um Editor do *Indian Opinion*, jornal editado por Gandhi por muitos anos, e um leitor ávido pelo autogoverno de seu país, mostra-se um Gandhi contrário aos médicos, advogados, ao sistema educacional vigente na Índia, e propõe, basicamente, que os indianos deveriam se dedicar ao trabalho manual, em especial a tecelagem, e aprender apenas a língua mãe de seu país. E aqui é preciso colocar as coisas em seu devido contexto. Primeiro que todo o discurso em favor da Verdade, unidade de todas as coisas, só faria sentido se fosse na defesa da população pobre e desarmada da Índia; segundo que esse texto foi escrito com o desejo de independência da sua nação, daí o fato considerado por alguns como radical, dele recusar tudo o que o Império Britânico trouxe a seu país, incluindo os sistemas jurídico, de saúde e educacional. Era, portanto, uma crítica a um ideário tecnocrata imposto pelo país colonizador à sociedade rural indiana.

Porém, o que mais chama a atenção quando se olha a evolução do pensamento gandhiano é, justamente, a sua obsessão pela Verdade, seja ela qual for. Por isso ele não se importava em parecer contraditório e em reconsiderar suas opiniões. Era um jeito legítimo de servir ao princípio absoluto da Verdade e que, com certeza, contribuiu para arregimentar um bom número de admiradores pelo mundo afora. Sobre as contradições de seu pensamento ele afirma:



(...) não estou absolutamente preocupado em parecer consistente. Em minha busca pela Verdade deixei de lado muitas ideias e aprendi muitas coisas novas... Estou preocupado com minha prontidão em obedecer ao chamado da Verdade que é o meu Deus, a cada momento, e, portanto, se alguém encontrar alguma inconsistência entre dois escritos meus, e esse alguém ainda tiver fé em minha sanidade, deverá escolher o mais recente dos dois sobre o mesmo tema. (GANDHI, 2010, p. 108)

Esse ponto é muito importante. Mais do que ser consistente, era necessário ser Verdadeiro consigo mesmo e com os outros. A Verdade consiste na renúncia, no desapego ao mundo material e também de si mesmo na busca de uma autorrealização. Isso inclui reconhecer quando se engana e despir-se do orgulho para abandonar a ideia antiga e incorporar a recém-descoberta.

Ao tornar-se a figura política mais emblemática da Índia, Mahatma teve sua imagem associada à de um homem santo. Os votos de pobreza e castidade, renunciando, assim, às benesses do poder e do prazer, contribuíram para essa associação. Ao incorporar o seu padrão ético e espiritual à sua agenda política, ele se tornou um modelo de comportamento intensamente inspirador. A agenda da educação, por exemplo, sofreu muitas adaptações ao longo do tempo. O Mahatma entendia que era preciso ensinar aos milhões de indianos pobres uma maneira de conquistar uma autossuficiência, por meio de um trabalho artesanal para escapar do jugo opressor. Contudo, entendia que isso só seria possível em longo prazo. O compromisso de Gandhi com a Verdade e a educação foi registrado por Meireles na bela crônica “O aniversário de Gandhi”:

Outros chefes podem realizar programa idêntico: mas o caso de Gandhi – e é isso que o torna imortal – é o da revolta conduzida dentro de rigorosos compromissos de moralidade e Verdade; e, por incrível que pareça, sua revolução, tendo o prazo curto das revoluções, operou-se com um espírito de educação do povo – e bem sabemos que a educação é um plano de longo prazo. (MEIRELES, 2016, p. 135)

A Grande Alma sabia do poder revolucionário da educação, porém acreditava que uma sociedade deveria ser julgada não por sua tecnologia, mas pela maneira como trata os mais necessitados dessa mesma sociedade. Nesse sentido, lutou pela emancipação da mulher e da classe dos “intocáveis”, os párias das castas indianas. Segundo Makarand Paranjape (2010, p. 111), o fato que torna Gandhi único em nosso tempo está na consistência de um tripé que engloba experiência, pensamento e conduta. Esse tripé está fincado no solo da Verdade absoluta através do qual ele

demonstrava a experiência adquirida e o pensamento reflexivo através de sua conduta de vida. O crítico ainda diz: “Não é possível ser ‘gandhiano’, isto é, seguir suas ideias, sem ser pelo menos um pouco ‘como Gandhi’, alguém que tente realmente pôr em prática essas ideias”. (2010, p. 111). Justamente essa conduta e estilo de vida que tanto fascinaram Cecília Meireles e a fizeram uma buscadora da Verdade em sua obra literária. O pesquisador Dilip Loundo chega a falar mesmo de uma estética da Verdade de Meireles que: “(...) fluiu incontinenti, envolta num agudo sensorialismo de cores, movimentos, sons, sabores e sentimentos.” (LOUNDO, 2007, p. 138).

O outro tema na obra ceciliana que tem por base o pensamento de Gandhi é a *Ahimsa*, a Não-Violência. É um termo do sânscrito que, muitas vezes, aqui no ocidente, foi traduzido literalmente como paz. A questão é que, quando pensamos em paz, imaginamos um mundo sem conflitos que, no pensamento gandhiano, traduz-se na forma de uma não-ação ativa e essa não significava, portanto, apenas aceitar calado o que fazem de injustiça em nome da paz.

Para além da expectativa da independência de seu país, esse é um processo que tem por objetivo o aperfeiçoamento do ser humano. Por isso mesmo, a não-ação ativa propõe atitude contra o explorador, porém sem odiá-lo. Atitudes que poderiam vir na forma de protestos, boicotes, desobediência civil ou greves, inclusive de fome. De toda forma, essa resistência pacífica, para Mahatma, ganhava o significado de força do amor e que, em suas palavras é, em muito superior à força das armas:

A força implícita nessa atitude pode ser descrita como força do amor, força do espírito, ou em termos mais populares, porém menos precisos, resistência passiva. Essa força é indestrutível. Aquele que a emprega compreende perfeitamente sua posição... A força das armas é impotente quando comparada à força do amor ou do espírito. (GANDHI, 2010, p 79.)

Portanto, o método da Não-Violência é usado através de sofrimento pessoal, recusa o uso de armas e usa essa força do amor para abdicar de tudo que possa ser repugnante à consciência.

O termo *Ahimsa* tem origem nos textos sagrados dos Upanishads, bem como no budismo e no jainismo, e é preciso compreender a extensão disso pois, segundo Makarand Paranjape (2010, 116), “Todo o vocabulário *secular* da Índia moderna na realidade tem raízes na terminologia religiosa, mágica e mística de tempos antigos”.

Essas palavras (*ahimsa, satyagraha ou swaraj* – autogoverno) ganham, no entanto, novo contexto quando evocadas por Gandhi. Fazem parte de um propósito maior de defender os mais necessitados em busca da Verdade e usando a força do espírito para guiá-los nessa tarefa.

Santhan Varguese identifica, em seu artigo “Influence of Sermon on the Mount on Mahatma Gandhi’s Life and Thought” (VARGUESE, 1998), três formas de Não-Violência na busca de Mahatma pela Verdade. O mais elevado nível é a Não-Violência dos corajosos, porque, para o líder político, essa é uma doutrina que não tolera o fraco ou o covarde. Um homem corajoso é aquele que é capaz de morrer por alguém ou uma causa sem matar ninguém, e suas considerações são feitas a partir de fortes convicções morais. Nesses casos, a Não-Violência é a mais poderosa força na Terra e não é usada apenas para fins políticos ou em determinadas esferas da vida. Quem usa a *Ahimsa* dos corajosos é alguém que se opõe claramente ao mal e tem, entre suas qualidades, o destemor e a capacidade de perdoar. Mais que isso, é alguém capaz dos maiores sacrifícios para se livrar do medo, podendo sacrificar sua liberdade, sua saúde e até mesmo sua vida. É ainda aquele que odeia o mal sem odiar o malfeitor, perdoadando-lhe quando possível e até tentando convertê-lo às atitudes humanas e éticas.

Para Gandhi, não há arma mais poderosa que seja capaz de subjugar a Não-Violência dos corajosos. O segundo nível de *Ahimsa* é aquela praticada apenas com objetivos políticos ou reservada apenas a certas esferas da vida. Mahatma a chamou de Não-Violência do fraco ou do desamparado. Quem a usa não faz isso por suas convicções morais, mas porque teme usar a violência, e não porque a violência seja um mal. Na Verdade, ele não descarta totalmente a violência, ele a assegura em seu meio e espera uma oportunidade para mostrá-la.

Uma Não-Violência usada com fins específicos e abandonada caso tais fins sejam alcançados. Gandhi é extremamente crítico quanto a esse uso da *Ahimsa* justamente porque é uma postura de circunstância que pode mudar ao sabor dos acontecimentos. Por último, o pior tipo, segundo Gandhi, seria a Não-Violência passiva dos covardes. Amor e covardia são termos contraditórios e, portanto, covardia e *Ahimsa* também são tão opostas quanto fogo e água. Um covarde não tem coragem de enfrentar seu adversário, então ele evita a luta. Todavia, não faz isso porque o ama, mas porque tem medo. Na opinião do Mahatma, a covardia é

impotência, sendo pior que a violência porque o covarde deseja vingança, mas tem medo da morte, então se esconde por trás do véu da Não-Violência esperando apenas um momento mais propício para agir com ódio.

Quando falo aqui de Não-Violência como um dos princípios éticos de Gandhi que tiveram impacto em Cecília Meireles e sua obra literária, estou me referindo ao primeiro significado de *Ahimsa*, aquele ligado Verdadeiramente ao amor, que a utiliza como ferramenta na busca pela Verdade e aceita o autossacrifício, pois nada teme nessa incessante busca.

De que forma essa Não-Violência pode, em alguma medida, ser compreendida como propósito de paz? Para tanto, inicialmente é necessário fazer uma distinção entre o que seria uma paz interior e outra exterior. Qual a relação entre uma e outra? Para um dos grandes intérpretes do pensamento gandhiano, Ravindra Varma (2002, p. 20), a educação é o caminho para entender esse processo, pois ela estará implicada quando tentamos entender nosso entorno social. O olhar pra si mesmo é um trabalho muito difícil que exige desprendimento, mas ali percebemos que esse autoconhecimento revela que controlamos algumas coisas do nosso íntimo que repercutem externamente, não nos deixando arrastar pelos acontecimentos exteriores. Se, ao contrário, nossa atenção estiver voltada totalmente para o ambiente externo, jamais saberemos o que carregamos em nosso mundo interior. E porque a paz interior se perde e surge a agressividade e ódio espontâneos? Pela atração exercida pelo mundo externo que joga com os desejos, a não realização, ego, mágoa, orgulho. Varma acredita que os métodos de ensino podem contribuir para tornar as pessoas mais conscientes e buscar tanto a paz interior como a exterior.

O propósito da Não-Violência é o amor. Quando alguém que você ama está fazendo algo errado que pode prejudicar a si e a sociedade, é preciso resistir. Não se pode causar dano físico ou psicológico ao outro, sendo que, muitas vezes, o psicológico pode assumir ares mais graves. Essa agressão tem um efeito muito mais duradouro e pode levar ao ódio, criar um círculo vicioso de retaliação, no qual esse sentimento destrói quem odeia e quem é odiado. Por isso, a resistência deve ser feita com amor e nunca se esquivando de dizer a Verdade. Terá que operar uma mudança, terá que separar a má conduta de quem a praticou e atacar o mal sem atacar a pessoa.

Cecília Meireles conhecia muito bem esses conceitos gandhianos e mais: mirando-se na práxis sócio-política de Não-Violência do Mahatma, ela pôde incorporá-los em sua poética. Segundo Loundo,

Cecília Meireles pôde perceber as implicações epistemológicas e éticas de sua própria inclinação à renúncia... A renúncia de Gandhi abarcara o mundo inteiro – a ideia de participação – através de uma práxis sócio-política... a de Cecília Meireles faria o mesmo através de uma práxis lírica (LOUNDO, 2007, p. 150)

Mas ela também reconhecia que a maioria dos homens ocidentais não o compreendia, em especial o consideravam uma figura exótica, quase folclórica. Para ela, o mais difícil era fazer os homens aprenderem a conviver com aquela figura enigmática e compreendê-la:

(...) Conviver com os homens é mais terrível que com os deuses. E ninguém conhece epopeia mais dolorosa que a de moldar, dia a dia, clara e Verdadeira, a fugitiva condição humana. (...) Em fotografias pálidas, entre notícias frívolas, com o anúncio reiterado dos jejuns, Gandhi ia sendo uma hábito superficial, na informação de cada dia, os homens não viam naquele corpo sem roupa e sem carne o despojamento do mundo, da ilusões, do fortuito e alienável (...) Os homens não se lembravam de que aquela figura, esquema sucinto do homem em eterna vigília por uma humanidade melhor – era o que ensinara a Não-Violência, a vitória da reflexão sobre o impulso, do espírito sobre a matéria, da vida sobre a máquina (...). (MEIRELES apud GANDHI 2001)

Ressaltados esses dois pilares gandhianos, podemos partir para a compreensão da obra literária de Cecília Meireles, na qual buscaremos mostrar a presença desses elementos ao longo do tempo, seja nas crônicas, seja nas poesias da autora.

## 2 PRESENÇA DE GANDHI NAS CRÔNICAS CECILIANAS

### 2.1 As crônicas de viagem

É necessário, neste capítulo, dado o imenso volume de crônicas de viagem sobre a Índia escritas por Cecília Meireles, fazer um recorte na abordagem crítica das mesmas. Conforme Dilip Loundo (2007, p. 161), nos três volumes das *Crônicas de Viagem*, Meireles dedicou 52 à Índia e sua cultura, ou seja, 27% do total. É essa produção que importa aqui e sobre a qual se fará esse recorte que se baseará naquelas em que as referências a Gandhi são claras, seja com menções a seu nome ou aos seus princípios éticos, seja fazendo referência à sua luta política e/ou educacional.

Posteriormente, analisarei algumas crônicas nas quais esses princípios gandhianos aparecem de maneira não explícita, mas que, de alguma forma, somos capazes identificá-los. Antes dessas análises mais apuradas, no entanto, farei uma apresentação da autora como cronista e demonstrarei que sua escrita em prosa tem tanto de sua força e imaginação poética quanto a sua poesia propriamente dita, além de destacar a importância das viagens em sua escrita literária, pois acredito serem temas relevantes dentro da proposta de interpretação dessas crônicas como prosas poéticas, e da relevância das viagens como uma marca identitária da autora.

Viagem, com certeza, é uma palavra que marca a identidade literária de Cecília, não só porque é o título do livro que a colocou no mapa do modernismo brasileiro em 1939, mas porque abrange em si, também, as inúmeras viagens físicas que realizou: Uruguai, Argentina, Peru, México, Estados Unidos, Portugal, Itália, Espanha, França, Bélgica, Holanda, Grécia, Israel e, claro, o assunto aqui destacado, a Índia. E abrange bem mais: as viagens ao interior da alma, as da imaginação. O próprio testemunho desse mundo revelado é uma forma de projeção de seu ser sobre o universo das coisas. Ela se nutre das coisas concretas, dos fatos e situações da vida mundana, entretanto, filtra tudo isso com a sua sensibilidade de cronista-poeta. O estudioso Darci Damasceno (1972, p.10) afirma na introdução à obra de Cecília *Flor de Poemas*, em seu prefácio “Ilusões do Mundo”:

Registro do mundo circundante, a crônica de Cecília Meireles é também uma projeção de sua alma no universo das coisas. Alimenta-se da referencialidade, das coisas concretas, de fatos e situações que envolvem o

ser humano em seu comércio diário, mas matiza subjetivamente tudo isso. No comentário da vida e suas situações risíveis e pungentes, de entusiasmo ou revolta, tem sempre Cecília Meireles uma ironia sem travo ou uma ternura sem excesso, mas que sentimos morna e brotada de uma aceitação do mundo e seus desconcertos e do pobre ser humano que se esforça nos labirintos da vida.

Nas crônicas inclusas na coletânea *Crônicas de Viagem* em 3 volumes, publicadas originalmente em periódicos brasileiros, Meireles destaca que suas viagens não constituíam meramente um turismo, mas algo mais profundo. Sua tarefa era descobrir novos lugares, ou aqueles menos visitados. Naqueles de maior destaque ela buscava ter um olhar mais profundo, mais denso do que o projetado pelos turistas em suas passagens efêmeras por esses lugares. Essas crônicas nada têm a ver com a frieza referencialista da exposição de técnicas ou relatórios. O texto se mostra logo na sua plena capacidade estética e literária, induzindo o leitor a também embarcar nessa viagem: uma cronista suave que embala o leitor e o convida a essa jornada cultural, inteligente e sensível, de forma bem pouco turística, na verdade, viajante. Ressaltando-se que, para a escritora, viajar é também uma forma de meditar. Ou, como ela bem define na crônica “Roma, turistas e viajantes”, esse sentimento deve proporcionar e revelar a forma como ela olha para culturas diferentes:

O viajante é criatura de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, descer à origem de tudo, amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas almas do passado, do presente e até do futuro. (MEIRELES, 1999a, p. 101)

Surge na cronista a necessidade dessa separação entre o ser que viaja e o ser que faz turismo. E, ainda com essa diferença estabelecida, pode-se dizer que nossa escritora não é qualquer viajante. Seu grande diferencial é que suas descrições passam pelo filtro da poesia. Pode-se observar essa postura, por exemplo, no início da crônica “Visão de Coimbatore” :

Quando vínhamos para o sul, os amigos diziam-me: “Madura! Tanjore! Não deixe de visitar os templos! Vai ver uma arquitetura inesquecível”. E mostravam-me fotografias coloridas dessas torres impressionantes, desses pilares prolixos, desses tetos trabalhados que constituem uma das glórias artísticas dos velhos tempos da Índia (...) Em lugar dos policromos templos com seus recintos de emaranhada arquitetura (...) é a paisagem de Coimbatore que nos recebe, com o claro sol entre seus campos de cana de

açúcar, sobre o seu pequeno porém movimentado bazar, sobre as ruas modestas, sobre seus carros, os seus rios desertos e o seus coqueiros amarelos e sedentos (...). (MEIRELES, 1999b, p.1)

As duas passagens dessa crônica revelam o abismo que há entre o olhar turístico e contemplativo que norteará sua sensibilidade poética. Nota-se também nessa passagem a forte tendência sensorial da obra ceciliana que Dilip Loundo já havia identificado como uma das características da “estética da Verdade” baseada no Mahatma. As diferenças nas duas partes da crônica são sensoriais e, mais especificamente, visuais, já que, ao invés de se deslumbrar com aquilo que se espera de uma turista \_ torres impressionantes, tetos trabalhados \_, o que a entusiasma é a visão da paisagem quase campestre da cidade e de seu bazar movimentado. O que realmente importa são as pessoas e a natureza que compõem e enriquecem esse encontro cultural.

Em “Oriente-Occidente” (MEIRELES, 1999a p.39-42) a escritora - mantendo o tema: turista/viajante - adverte que não se deve ir à Índia como turista. Se o turista pretende apenas visitar monumentos antigos e fazer compras de tapetes e pedras preciosas, corre o risco de não entender nada e ainda espantar-se com a cultura diferente e as manifestações da pobreza. Ela ainda dá conselhos ao viajante ocidental que se aventura no chamado “exótico extremo oriente”. Um percurso que ela mesma realizou ao longo da vida e que envolveu estudar a história desses povos, bem como filosofia, religião, costumes e tradições; ir além e entender a atualidade dessas nações que não estão congeladas em um passado distante e se equilibram entre a sabedoria dos tempos antigos e a ciência dos novos tempos.

Uma revelação interessante nessa crônica é a afirmação da cronista de que, apesar de pertencer ao mundo ocidental, para o brasileiro não é difícil entender aquele país, já que Brasil e Índia possuem características e problemáticas semelhantes: “Luta pela afirmação de uma nacionalidade, urgência de adaptação às circunstâncias internacionais, aproveitamento das riquezas, contratempos raciais, consolidação da economia, planos de educação” (MEIRELES, 1999 a, p. 40). Claro que a prosa marcada por impressões poéticas também se faz presente na crônica acima referida:

Na Índia, a multidão que passa, com as roupas despregadas ao ritmo do andar, com a lua atravessando pano de mil cores – é também fluida: e os



penteados enfeitados de flores, e os mil adereços de ouro, prata ou vidro que escorregam pelos braços, oscilam nas orelhas, deslizam pelos pescoços ou pela testa, \_ palpitam com aquelas vidas frágeis a que pertencem, estão sempre como em despedida, estão sempre dizendo adeus. (MEIRELES, 1999 a, p.41.)

Lendo as crônicas, inclusive a da citação acima, percebe-se que a escritora tem uma opinião sobre a Índia e que deseja partilhá-la com o leitor. Este, desavisado, tem a impressão de que se trata de uma cronista convencional se manifestando, mas, de fato, essa crônica é embalada por um eu-lírico que descreve as situações de modo tocante e pouco usual, fazendo o leitor indagar se se trata de uma crônica, poesia ou mistura das duas. A riqueza de detalhes sensoriais também é facilmente percebida, seja descrevendo os materiais que compõem os adereços, preciosos ou não, seja descrevendo as flores que suscitam, ao mesmo tempo, visão e olfato, que ornaram a cabeça das indianas.

Para entender a crônica ceciliana sobre a Índia é preciso escavar camada sobre camada. Nunca é uma coisa só e é preciso ir além do primeiro impacto. No texto “Aragem do Oriente” o próprio título já sugere isso. Visto que o simbólico da aragem é, justamente, o de um remexer a terra, um remexer da Índia, um remexer do texto, que é o solo fecundo para ser arado na literatura. Se, por um lado, temos grandes casas, com amplas janelas e portas, por outro, temos o próprio indiano, simples, com sua comida baseada em arroz, legumes, frutas e peixe. E, novamente, quebra o senso comum, que caracteriza a percepção de um estrangeiro ao falar sobre a pobreza indiana:

Os estrangeiros pensam que se dorme na rua só por pobreza, mas não é bem Verdade. Há quem transporte sua cama para o lado de fora da casa a fim de aproveitar a fresca da noite para o repouso. E pergunto-me se haverá muitos lugares, hoje, no mundo, em que um mortal possa dormir tranquilo ao ar livre, sem que outro mortal lhe venha tirar pelo menos o lençol ou o travesseiro. (MEIRELES, 1999a, p. 127)

A escritora e o eu-lírico são um só e não sabemos onde está a separação entre um e outro quando ela descreve suas impressões. E nem é mesmo para saber, pois as sensações e experiências da viagem são tecidas de forma a levar quem lê a percorrer os mesmos caminhos. Ela pretende que sua viagem física se torne a viagem mental e emocional de seus leitores.

As *Crônicas de Viagem* revelam esse entusiasmo da escritora com os roteiros das viagens que realizou. Um entusiasmo poético porque é justamente na poesia que se registram a mente, as emoções e todas as sensações que se reconhecem como estilo ceciliano. As crônicas revelam ainda que essas viagens reais ao redor do mundo trouxeram a história e a cultura de outras nações que introjetaram em Cecília uma intensidade no olhar, um cuidado para com o outro, uma afetividade compartilhada, traduzidos pela mão firme de seu estilo único de ser essencialista no universal.

Se um cronista deve lançar um olhar curioso sobre o cotidiano e mostrar aos leitores o insólito das pequenas coisas, o poeta colore com cores fortes essas impressões. A poesia na crônica de Cecília Meireles mostra a possibilidade de tornar o banal pungente e sensível. Ou ainda:

A arte de uma crônica é fazer do estranho algo familiar, falar dele delicadamente, como se fosse uma coisa normal, corrente em nosso cotidiano. Econômica, objetiva, empregando o termo exato, **poeta o tempo inteiro**, fulgurante nas observações, Cecília Meireles nos diverte, ensina, provoca, questiona, faz rir e pensar. (BRANDÃO; MEIRELES, 2016, p.16, grifo nosso).

O experiente cronista Ignácio de Loyola Brandão é preciso nessa observação. Cecília é poeta o tempo inteiro. A forma como olha para o mundo, como o contempla e transforma tudo isso em escrita é sempre de maneira poética, por mais que o estilo seja a prosa. Ela traz consigo essa provocação de múltiplas emoções, mesmo que seja econômica nas palavras e até por isso mesmo, por essa concisão, a cronista consegue elevar o valor da palavra comum, das situações comuns, dos sentimentos, aparentemente, comuns.

Sua capacidade de produzir prosa poética de alta qualidade pode ser observada no trecho inicial da crônica “Ares de Bangalore”:

Não se precisa ser oficial inglês reformado para se sentir que os ares de Bangalore fazem bem ao corpo, e à alma. Mas, estendidos nestas cadeiras, pela varanda do hotel, calados e quietos, ou aglomerados no bar, um tanto rubros e um tanto ruidosos, sente-se aqui um paraíso suspenso, como num aéreo paraíso. (MEIRELES, 1999b, p. 37.)

“Paraíso suspenso” ou “aéreo paraíso” nos faz pensar na questão da temporalidade (desejo de eternidade) e da religiosidade (alcançar o inefável) que

Cecília persegue, notadamente em sua poesia e que também surge em crônicas como essa. Alfredo Bosi chamou essa característica de *sentimento do tempo*: o tempo que passa gera sofrimento, angústia; o que a poeta então deseja é paralisar o próprio tempo, deseja a eternidade, grande aspiração da religiosidade hindu, refletida na vontade de ter um paraíso para sempre suspenso nas alturas, distante de toda inquietação gerada pelos homens.

Em primeiro lugar o *sentimento do tempo* de Cecília coincide com aquele desejo de suspensão do próprio tempo, que é o alvo supremo da mais antiga espiritualidade hindu. A hora que passa é sempre gênese de sofrimento, pois toda mudança gera inquietação e angústia. O futuro da carne e de toda a história dos homens é a ameaça inarredável da queda no abismo do nada que cada minuto torna iminente. O ideal perseguido é anular mentalmente essa lei indefectível das contínuas transformações. (BOSI, 2007. p. 21)

Pode-se perceber, então, que nas crônicas cecilianas, bem como nos poemas, são nítidas as influências do tempo, ou melhor, do desejo da suspensão do tempo, objeto antigo do hinduísmo e do budismo. Um desejo de eternidade e de eternizar a paisagem (física e cultural) daquele país, como afirma Bosi:

O olhar de Cecília, que penetrou fundo no longo tempo de uma vida, até nele divisar a eternidade; o olhar de Cecília que viu de perto o despojamento do pobre, até nele pressentir a divindade; esse olhar construiu uma imagem da Índia que impressiona pela complexidade de perspectivas. (BOSI, 2007, p. 23.)

Tendo visto a imagem da Índia como arcabouço da percepção de Cecília, passo agora às análises das crônicas de viagem no que tange à presença de Gandhi. Começo por aquela que revela, desde o título, sua grande motivação da viagem àquele país, “Pelo Mahatma” (MEIRELES, 1999 a, p. 155–158). Publicada originalmente no periódico *Diário de Notícias*, em 1953, essa crônica tem como tema o réveillon passado nas alturas, a bordo de um avião que saíra do Cairo rumo à Índia. Assim são suas palavras iniciais:

A caminho do avião, por esta luminosa areia do Cairo, ao deixar para trás este mundo azul do Mediterrâneo, como não é possível pensar em Alexandre, se o seu próprio nome ainda ali está perpetuado no mapa? A aeromoça, uma bela anglo-indiana, de vastos olhos, cheios de noite e de lua, serve aos passageiros caramelos, cardamomo, erva-doce... gosto do Ocidente e do Oriente, entrelaçado no céu. (MEIRELES, 1999a, p. 155)

Nesse início, a cronista começa a descrever sua viagem aérea iniciada no Egito rumo à nação indiana. A evocação do nome de Alexandre Magno não é à toa, é, contudo, o próprio mote que a autora usa para comparar os viajantes ocidentais que desde muito cedo se deslumbraram com a Índia. Seu olhar, atento aos detalhes, não perde de vista a tripulação, representada pela bela aeromoça anglo-indiana que serve aos passageiros com seus olhos “de noite e de lua”. Para a autora, é difícil imaginar o que o imperador macedônio estaria pensando ao se deparar com aquela cultura milenar e sagrada, diferente de qualquer lugar que já tenha pisado antes. Alexandre representaria o sonho ocidental que uniria o sagrado e o profano, a arte e a ciência, “os dois hemisférios integrados numa só família, como a cabeça bifronte de Shiva e Vishnu!” (MEIRELES, 1999a, p. 156).

A Verdade oriental que tanto impressionou Cecília segue sendo descrita ainda dentro da aeronave, de onde é possível observar a transição oriente-ocidente. É o caso do momento em que ela detalha o contraste entre as mãos orientais extremamente finas e delicadas, o vestuário indiano de vários passageiros e o rosto “róseo e redondo” das freiras católicas, a bordo do mesmo avião.

A religiosidade cristã, muito forte na poesia ceciliana, que pode ser conferida, por exemplo, na coletânea *Pequeno Oratório de Santa Clara*, de 1955, aparece nessa crônica quando o avião está sobrevoando a Palestina e a escritora não deixa de registrar seu pensamento sobre a figura de Jesus Cristo que, segundo ela, “Pregava a fraternidade dos homens, que ensinava às criaturas o grave bem de terem alma”. (MEIRELES, 1999a, p. 156)

Essa viagem do Egito à Índia aconteceu, justamente, no último dia do ano, portanto, motivo pelo qual os passageiros passaram o *Réveillon* a bordo da aeronave. Claro que isso não passou despercebido pela autora que mira, com seu olhar poético, para coisas prosaicas. Ela nos mostra que há uma comunhão, quase um êxtase, entre as diversas pessoas a bordo que brindam a chegada do ano com a saudação do piloto. Ela comenta a expectativa dos passageiros que, em breve, tocarão o solo indiano:

O comandante vem brindar com os passageiros, porque o avião começa a descer sobre Bombaim. E os passageiros levantam-se, e de mãos dadas, cantam as canções que sabem, cada um na sua língua e todos trocam

votos de felicidade, nesta meia-noite de 31 de dezembro. (MEIRELES, 1999a, p. 157)

No declinar da crônica “Pelo Mahatma”, Cecília conta o que foi buscar na Índia. Ela já levava consigo em sua bagagem cultural tudo o que havia estudado sobre a Índia. Personagens como os sábios, os marajás e os faquires já lhe eram bem conhecidos, assim com as danças e outras tradições folclóricas. Não era nada disso que ansiava por encontrar. O que ela queria era Gandhi. Não vê-lo fisicamente, pois já o sabia morto, porém, sentir a presença e o testemunho gandhianos que, certamente, estariam espalhados em sua terra natal. Quais os postulados e ensinamentos de Gandhi ela iria lá encontrar? Esse é o Verdadeiro motivo da viagem. Ela conclui a crônica com as seguintes palavras:

Houve, porém, um homem, um homem que o ocidente conheceu de fotografia, e quase achou ridículo, porque calçava apenas umas sandálias, enrolava o corpo apenas num pano branco, e falava da ressurreição de seu povo, e de uma independência feliz, sem armas e sem ódio. Esse homem chamava-se Gandhi. E sem ódio e sem armas tornou seu povo independente. E quando o preparava para o seu destino, como um pai a conversar com seus filhos, dispararam sobre ele um revólver e tiraram-lhe a vida (...) Por muitos motivos se pode ir à Índia. Eu venho por Gandhi, o Mahatma. (MEIRELES, 1999 a, p. 158)

Nas palavras finais de “Pelo Mahatma” sobressaem alguns dados interessantes: a opinião política da autora sobre Gandhi, a referência que ela faz à Não-Violência (*Ahimsa*) como resistência pacífica, a constatação de que os ocidentais não o compreendiam e muito menos queriam compreender alguém que pregava o amor e uma não-ação ativa e que tinha um compromisso, acima de tudo, com a Verdade aplicada em sua própria existência (*Satyagraha*). São, portanto, os postulados gandhianos de *Satyagraha* e de *Ahimsa* que ela aproveita em sua própria escrita, em sua lírica e em sua vida.

A crônica “Uma voz no Oriente” (MEIRELES, 1999 a, p. 43-46) dá ao leitor uma dimensão maior do valor da Não-Violência para Cecília Meireles. Ela revela suas impressões da sessão inaugural do Congresso Internacional sobre Gandhi, realizada em Nova Deli, para a qual foi convidada a participar.

A sessão foi aberta pelo então ministro da educação indiano, Abul Kalam Azad. O motivo do congresso era justamente, nas palavras da autora, “estudar a contribuição das ideias e técnicas de Gandhi na solução das tensões nacionais e

internacionais.” (MEIRELES, 1999 a, p. 43.) O mundo da década de 1950, não muito diferente do que acontece hoje em dia, vivia polarizado e com a expectativa de guerra iminente, principalmente entre países que detinham armamento nuclear. Propunha-se, nesse encontro de pensadores gandhianos do mundo inteiro, chegar a algum entendimento de como o conceito de Ahimsa, utilizado pelo Mahatma como resistência pacífica e que sensibilizava significativamente o indivíduo, poderia também ser usado para a promoção da paz entre os povos. Apesar do propósito muito objetivo do encontro, a cronista não perde de vista, em seu olhar atento e poético, os detalhes incidentais dessa sessão, começando pela descrição do ministro indiano:

Maulana Abul Kalam Azad é uma figura robusta, apertada numa casaca cinzenta – essas casacas indianas tão simples e solenes, abotoadas da gola até a cinta – e cujas abas vem até os joelhos. À cabeça, um negro barrete cônico. Sua face enérgica e ao mesmo tempo cordial recebe um lampejo de prata que lhe vem dos bigodes e do cavanhaque grisalhos, lampejo que deve corresponder ao do olhar, oculto, no entanto, por amplos e impenetráveis óculos pretos. (MEIRELES, 1999a, p. 43)

Percebe-se que a cronista mescla a mera descrição física da roupa do ministro com as impressões poéticas sobre o mesmo: não é uma figura grande, mas “robusta”; sua casaca não é apenas simples, mas “solene”, e ele possui uma face que conjuga, ao mesmo tempo, o “enérgico e o cordial”, recebendo, ao invés de uma barba grisalha comum, “lampejos de prata”. É, novamente, a atenção aos pormenores que domina a narração da escritora. E ela prossegue, assim, nas impressões que teve sobre o político indiano: seu nome significa “sábio, pai da palavra livre” e lembraria algo das *Mil e uma noites*; e sua voz ressoava poderosa pelo ambiente e em hindi. Todavia, o que importava, de fato, era o discurso sobre Gandhi. Nisso, o palestrante era enfático ao afirmar que as ideias gandhianas eram um legado cultural da humanidade, ideias cheias de compreensão e fraternidade, e que a Índia, berço do Mahatma, poderia ajudar na busca pela paz entre os povos, não sozinha, mas com a ajuda de pessoas do mundo todo que comungassem do mesmo objetivo.

O ministro Azad, em consonância com o pensamento do *Ahimsa* gandhiano, afirma que nenhum conflito entre nações pode ser resolvido com uma guerra. O que as guerras fazem, na Verdade, é instigar o rancor e o ódio, originando novas

guerras. O ciclo bélico envolve humilhações, infelicidade e vinganças: é onde o poder derrota a justiça. Finalmente, ele propõe uma inversão nessa ordem, onde a justiça seria o valor absoluto. Esta ideia é, claramente, inspirada em Gandhi, na medida em que a Justiça e a Verdade são valores mutuamente implicados, isto é, um não pode existir sem o outro. É importante lembrar que para Gandhi não basta apenas buscar esses valores absolutos; os meios que utilizamos para alcançá-los também devem ser Verdadeiros e justos. Essa é uma visão oposta ao que os ocidentais estão acostumados; é antimachiavélica no sentido de que os fins não justificam os meios. Quem deseja a Não-Violência deve praticá-la em sua vida, como exemplo aos outros.

No declinar da crônica “*Uma voz no Oriente*”, Cecília Meireles, deixando-se transportar por um devaneio em consequência da fala de Azad, lembra-se da comunhão entre os povos que estão ali representados e pensa no Brasil, um país, àquela época (e por que hoje seria diferente?) com crises tão sérias e profundas, e que, contudo, ainda não havia dado a devida atenção a esses temas. Termina ressaltando a importância de se construir uma unidade no planeta para além dos gestos meramente superficiais e para além das discriminações de raça, credo ou língua:

Sinto, \_ não penso \_ esta palpitação unânime de terra, esta angústia dos problemas humanos, esta necessidade de estarmos todos próximos, de sermos todos amigos, de nos compreendermos, de construirmos, de nos amarmos. Essa unidade do planeta. Esse minuto da vida nossa no universo. Raças, religiões, idiomas (...) Oriente, Ocidente, História. A solidão da Terra, pequenina, e o eterno combate entre o Bem e o Mal (...). (MEIRELES, 1999a, p. 46)

A crônica “Retrato de uma outra família” (MEIRELES, 1999a, p. 173-177), que foi publicada originalmente no dia 8 de novembro de 1953, também no *Diário de Notícias*, é importante e emblemática dentro desse conjunto de produções que tem como mote o Mahatma Gandhi. Isso porque Cecília Meireles descreve as impressões que teve ao visitar o lugar onde o Mahatma, a “Grande Alma”, foi assassinado, e onde se pode perceber a presença e o “espírito” de alguns conceitos hinduístas, como a eternidade e a renúncia.

Logo no primeiro parágrafo a cronista destaca o silêncio do lugar, onde se podia ouvir os passos dos caminhantes e observar o ambiente de paz que dele

emanava, apesar de estar marcado pela dor de uma tragédia. Recorrendo à ideia do ciclo hinduísta da existência, Cecília indaga sobre a finitude da vida, provavelmente não somente questionando a possibilidade de uma existência além-morte, mas também a presença marcante que certas pessoas deixam em alguns ambientes por conta daquilo que foram em suas vidas:

Todos íamos tão silenciosos que se ouvia o ranger da areia, em nossos passos; e sentia-se o borbulhar dos nossos pensamentos, cuja dor se atenuava naquele recinto de paz. Estarão mortos, realmente, todos os mortos? (MEIRELES, 1999a, p. 173)

Ela prossegue no relato daquele funesto acontecimento, aponta o assassino como um místico exaltado e questiona se não foi o próprio assassino quem perdeu a vida ao atirar em Gandhi. “ah! Quem sabe por que se mata e por que se morre, e quem realmente está matando ou morrendo?”. (MEIRELES, 1999a, p. 173)

A questão da transitoriedade da vida aparece logo em seguida, quando ela reconhece que a própria atmosfera indiana evidencia a impermanência aparente da vida, no ciclo daquilo que vem aos homens e sempre retorna a Deus. Essa é a condição humana e, mesmo ali, naquele lugar onde aconteceu essa tragédia, percebe-se a força da ausência daquele grande homem e também a mistura paradoxal de humildade e orgulho próprios do misticismo indiano, pois quanto mais ele for modesto e renunciar aos valores mundanos, mais próximo de Deus estará. A questão da divindade é ressaltada por Cecília quando diz que Deus foi a última palavra pronunciada pelo Mahatma. Ela ressalta também o quanto essa presença divina se percebe em qualquer canto do país e em qualquer um de seus idiomas. Deus está em tudo e em toda parte naquele lugar:

Deus, Deus, sempre Deus. Como no último instante, na boca do Mahatma, esta é a palavra mais vivamente escrita por toda parte, em terras da Índia, seja nos variados caracteres, nos caminhos nas atitudes, na posição de cada coisa, na concordância de cada ritmo e de cada som. (MEIRELES, 1999a, p. 174)

No parágrafo seguinte, a questão da efemeridade da existência, de que nossa passagem pelo mundo é rápida e ilusória, remete ao já exposto desejo do eterno que permeia as crônicas e poesias cecilianas. Ela destaca que quando os visitantes que a acompanhavam na visita deixaram uma coroa de flores no local onde Gandhi



foi cremado, houve um momento de contemplação da paisagem, que poderíamos chamar de “epifânico”, durante o qual ela desejou a eternidade além do corpo, enquanto chama exposta aos ventos do mundo, a Verdadeira eternidade, a comunhão com o todo, o êxtase budista do Nirvana.

Como é recorrente, o aspecto sensorial da práxis lírica ceciliana não está ausente da crônica “Retrato de uma outra família”, na qual se ressalta que, mesmo ali, em um lugar marcado pela dor e pela saudade, havia, ainda, aquilo que visualmente mais chama a atenção do ocidental na Índia: uma explosão de cores e tonalidades nos tecidos finos que remetiam as flores do local, e que se apresentavam estampados como xales, turbantes, sáris, vestidos e casacos.

No declinar da visita ao mausoléu, a poeta reafirma o poder da presença impactante daquele homem contraditoriamente ausente. O poder da ausência, na Verdade, o tornava mais presente, pois foram suas ideias que reuniram, ali, especialistas do mundo todo, convocados a tratar da paz entre as nações naqueles tempos. A escritora faz indagações importantes sobre os propósitos gandhianos e lança essas perguntas à humanidade, perguntas que ainda hoje precisam de respostas:

E que são, na Verdade, as ideias de Gandhi? E quais são as que tem o poder de modificar os fatos e as criaturas e a força de caminhar por este vasto e desvariado mundo, e a magia de deixar em cada porta exatamente a mensagem que cada habitante deseja, necessita, espera e aceita com amor? (MEIRELES, 1999a, p. 175)

Na última parte da crônica, Cecília analisa uma fotografia em que todos os convidados aparecem e faz um breve comentário sobre a imagem de cada um deles fixada no papel fotográfico. O conjunto multinacional era bem variado: Egito, Inglaterra, Estados Unidos, Japão, Irã, França, Índia, e claro, ela, representando o Brasil. E enquanto todos esses grandes vultos pregavam sobre a paz, o único ausente é o que mais se destaca: todos estavam ali por causa dele, por Gandhi e seu legado.

Mas a que não aparece é a que mais se vê: irradia, cheia de enigmas e sugestões, fala, exemplifica, insiste: é Gandhi, o Mahatma, cujos ensinamentos atravessaram as fronteiras da Índia imensa, e chegaram a todos os povos... (Por amor aos seus ensinamentos, de tão longe, e alheios uns aos outros, viemos todos ter aqui.) (MEIRELES, 1999 a, p. 177)

“Raiz das catástrofes” (MEIRELES, 1999a, pp. 223-227) é uma crônica emblemática no que se refere à problemática da paz mundial. Possui uma escrita bem lúcida a respeito do poder da violência no mundo e, também, a importância da Não-Violência e da Verdade como formas de solução de conflitos.

“Quando as catástrofes espalham a ramaria pelo mapa, é que os corações e mesmo os corpos estremecem” (MEIRELES, 1999 a, p. 223). Essas palavras iniciais da crônica revelam o que se discutirá ao longo do texto: para Cecília Meireles, a ramaria, que é o conjunto de ramos de uma árvore, representa, aqui, metaforicamente, as consequências da guerra que estremecem os corações. Cecília afirma que quando povos e nações olham em conflitos armados tão somente para suas ramificações ou sintomas exteriores – os traumas e as tragédias –, nós deixamos de realizar uma reflexão mais profunda sobre a raiz deste mal.

No intuito de discutir a questão, a autora afirma que os homens promovem seminários para discutir os conflitos, porém seria necessário ir além deles e de meros tratados e acordos para resolverem as questões. Ela critica também a ciência do século XX que avançava à custa de sofrimento humano e sem preocupações morais. Em sua opinião, as palavras podem servir para explicar as tensões, mas não podem solucioná-las, por isso é necessário tomar atitudes e ações eficazes que atendam às causas dos mais variados conflitos. Era esse o diferencial do Congresso Internacional sobre Gandhi, já que propunha que

(...) todas as nações pacíficas fizessem uma redução, pelo menos simbólica, de seus armamentos, e decidissem de comum acordo nunca mais tomar a iniciativa de uma guerra total, e pegar em armas apenas para se defenderem em caso de agressão. (MEIRELES, 1999 a, p. 224)

Quais seriam as raízes da violência, então? As causas são múltiplas, como múltiplos também são os seres humanos. Todos nós carregamos inúmeros aspectos possíveis da violência – físicos, materiais, morais, políticos etc – e as nações são formadas por esse caldeirão de emoções oriundas da violência individual, que tem reflexo na comunidade e que, por sua vez, pode envolver inteiramente o país.

Como abrandar ou tentar solucionar esse problema? Para a cronista e seus pares no Congresso Internacional, algumas ações poderiam ser bem eficazes: a melhoria da qualidade de vida das populações mais pobres, a extinção e condenação total de ideologias de superioridade racial e a redistribuição de

populações excedentes para lugares que as possam receber. Essa última pode nos parecer hoje utópica na medida em que estamos no século XXI e atravessamos uma grave crise imigratória, com países desenvolvidos considerando medidas para fechar suas fronteiras e populações tentando escapar dos horrores da guerra ou da fome, fugindo aos milhares de seus países de origem.

De qualquer maneira, há em Cecília, e de modo evidente nessa crônica, um desejo de Não-Violência, de uma paz que reconheça a todos como irmãos, de respeito aos direitos e deveres humanos. Ela reconhece que o pacifismo internacional só pode ser alcançado quando, primeiramente, se chegar a uma paz interior, pois é somente quando reconhecemos o “dragão interno” da violência e tentamos abrandá-lo é que podemos chegar a admitir que o oponente possa estar com a razão. São os conflitos internos que levam, no limite, às tensões internacionais.

Cecília lembra que os especialistas presentes no referido seminário não estavam lá para dar a última palavra sobre a Verdade, a grande Verdade que o Mahatma tanto buscou. Entretanto, foi essa mesma grande Verdade do Mahatma que os inspirou no compromisso com a Verdade interior e que os fez sair de seus países e refletir, genuinamente, questões sobre a paz a partir dessa perspectiva gandhiana.

A figura de Gandhi não nos foi imposta: impôs-se. Na verdade, não foi ele, neste século, o único herói da paz, o que renovou no mundo uma doutrina esquecida, ou abandonada, provando-a não apenas com seu espírito, mas com seu corpo, e afirmando-a definitivamente com a própria morte? (MEIRELES, 1999 a, p.226)

“Sombra de impérios” (MEIRELES, 1999b, p. 49-52) é uma crônica que não fala de Gandhi diretamente. De fato, o tema é a visita de Cecília às ruínas da antiga cidade e fortaleza sagrada de Golconda, na região central da Índia. Ao pisar naquelas ruínas, Cecília não pode deixar de pensar na história do local, dos antigos imperadores mongóis<sup>3</sup>, lugar onde o passado está muito presente. No texto, a marca cecilianiana da sensorialidade como parte da sua estética da Verdade é evidente e mistura a sensação física de estar ali com imagens de sonhos e sombras.

---

<sup>3</sup> O Império Mongol na Índia vai do século XVI ao início do século XVIII, quando os britânicos passam a dominar o território indiano.

O sol não dissipa essas conspirações dos sonhos, porque a paisagem de Haiderabad é tão sugestiva e empolgante quanto as sombras da noite. A torrencial invade o terraço e doura as pobres romãs franzinas que com tamanho esforço ostenta o galho ressequido. Um jardineiro de turbante arremessa gotas d'água de um jardim pedregoso. (MEIRELES, 1999b, p. 49.)

A descrição da cena envolve o eu poético de Cecília, e suas divagações são uma mistura de sensação e sentimento. Ela conta as histórias sobre Golconda que chegaram a seus ouvidos, como a de que as pedras da cidade são restos da matéria cósmica que Deus teria jogado naquele lugar depois de fabricar o mundo. O ambiente físico segue sendo descrito com o seu singular ponto de vista poético, seja sobre uma loja azul com planetas pintados nas paredes \_ que parece saída de um sonho \_, seja sobre o caminho que vai ficando cada vez mais áspero e a sensação de insignificância humana diante das ruínas, ou ainda o mundo morto que ela vislumbra ao passar pelo portão de entrada da cidade. A cidadela, vista do alto, ainda desperta sentimentos contraditórios de solidão e liberdade:

Mas apesar de toda solidão, desse completo despojamento em que se encontra a velha cidadela, uma poderosa beleza essencial empresta a Golconda um ar transfigurado de libertação... A sua alegria de já transcender todas essas guerras, essas histórias de sangue e também de amor, essas aventuras momentâneas que formam a pobre vida humana, tão difícil de atravessar, e tão insignificante, à contemplação ulterior. (MEIRELES, 1999 b, p.51)

A cronista termina evocando o mundo das ruínas de Golconda de uma maneira que parece recuperar a vida dos personagens antigos, de tal forma que os vivos que encontrou após a visita em outros lugares não lhe pareciam tão vivos quanto os mortos daquela cidade. Esse lugar comunicava um passado nítido e eloquente.

Meireles é recorrente, seja na poesia ou nas crônicas, em afirmar a vida exemplar que o Mahatma levava: o ser exemplar que experimentou em si mesmo as condições que impunha aos seus seguidores. Sua postura, seus ensinamentos e seu exemplo miravam a Verdade e a Não-Violência, no que foi, claramente, incompreendido e violentamente abatido. O que fica como herança é a sua mensagem e a maneira como podemos adaptá-la aos mais diferentes campos de conhecimento prático, na vida cotidiana.

Nesse contexto, destaco, na próxima seção, a temática da educação, tema caro e importante tanto para Gandhi quanto para Cecília Meireles.

## 2.2 As crônicas de Educação

“Tudo, em suma, é sempre uma questão de educação” (MEIRELES, 2001, p. 29). Essa frase, da crônica “Questão de educação”, ilustra bem as ligações profundas que Cecília Meireles tinha com o tema, especialmente no Brasil: foi normalista, pedagoga, professora de ensino superior, além de ter publicado alguns livros dedicados às crianças como *Ou isto ou aquilo*. A contribuição da autora com escritos sobre educação é imensa. Segundo Leodegário de Azevedo Filho (apud MEIRELES, 2001, p. XV), organizador da coleção em prosa *Crônicas de educação*, da editora Nova Fronteira, só no *Diário de Notícias*, jornal em que a escritora manteve uma página diária e uma coluna chamada “Comentário”, são mais de setecentos textos sobre o tema.

Numa época movimentada por debates e polêmicas, o pensamento de Cecília Meireles, muitas vezes valeu como um ponto luminoso, orientando espíritos e procurando caminhos e soluções para o maior problema nacional, que foi e continua a ser o problema da educação e da cultura. (AZEVEDO FILHO apud MEIRELES, 2001, p. XIX)

Como se pode observar nas palavras do comentador, Meireles era referência no assunto, muitas vezes chamada a opinar e dando valorosas contribuições acerca do tema. Dentre a sua vasta contribuição ao assunto é preciso fazer, igualmente, alguns recortes.

Selecionei, aqui, as crônicas em que há alguma citação direta à Mahatma Gandhi e também algumas cujo enredo central remete às ideias gandhianas expostas no capítulo 1.

A crônica mais evidente sobre esse tema e com a qual vou iniciar minhas considerações é “Gandhi e a educação” (MEIRELES, 2001, p. 79-81). Ela foi escrita em 1932 com Gandhi ainda vivo e atuante pela causa da independência da Índia e bem antes da viagem que levaria Cecília àquele país em 1953. Logo no início, a escritora revela o quanto conhece os textos de Gandhi, em especial aqueles escritos em hindí sobre o ensino e a aprendizagem. Ela chega a afirmar que a própria busca

pela Verdade do Mahatma era uma tentativa de transformar o mundo através da educação baseando-se na lei do amor. O que ele pretendia era mudar o próprio entorno social através de uma educação que valorizasse os indianos como pessoas, e não através de uma educação tecnicista em que o que importa é o consumo, a mercadoria.

Ela relembra que, em um de seus artigos, Gandhi condenou a Inglaterra por impor uma cultura e uma língua diferente dos indianos, obrigando-os a imitar os ingleses. No entanto, após meio século de dominação britânica, a Índia tinha ficado mais pobre ainda e os hindus mais fracos e incapazes de se defender, justamente porque a educação oferecida tinha por objetivo subjugar-los física e mentalmente. Toda essa situação precária da nação indiana faz surgir aquele Gandhi polêmico e radical que transparece na obra *Hind Swaraj*. Fica claro nessa obra que Gandhi não só lutava pelo autogoverno indiano, mas também abominava os indícios de “civilização” trazidos pelo colonizador que descaracterizavam valores e princípios de seu povo.

Cecília descreve ainda os defeitos apontados por Gandhi sobre a colonização estrangeira na Índia: a exclusão total da cultura nativa, a adoção de uma educação das faculdades mentais que desqualificava as faculdades espirituais e o trabalho manual e a insistência em um ensino veiculado unicamente através de uma língua estrangeira. Há ainda uma crítica presente nos ensinamentos de ambos: os manuais de ensino de Índia e Brasil se concentravam em transmitir um conhecimento completamente alheio ao universo da criança, fazendo com que, no fim das contas, o estudante perdesse o vínculo com sua casa e sua terra natal e desconsiderasse a riqueza cultural e poética da sua própria comunidade, considerando-a bárbara:

Se eu fosse professor, destruiria certamente todos esses manuais, e faria escrever outros que tratassem da vida de família, de modo que a criança, estudando, pudesse influir sobre seu meio. É criminoso, na Índia, onde 80% da população é agrícola, dar às crianças uma educação puramente literária e tornar os rapazes e as meninas incapazes para o trabalho manual para o resto da vida. (GANDHI apud MEIRELES, 2001, p. 80)

O que se observa nas declarações de Gandhi é que ele ansiava por uma educação que, de fato, fosse fazer a diferença não somente na vida das crianças, mas também nas comunidades em que viviam e, em última instância, na própria nação indiana.

O trabalho manual que Gandhi recomendou a seu povo foi a tecelagem e isso mostrou-se bem útil, já que se pregava o boicote ao tecido britânico como um dos movimentos da não-ação ativa de resistência ao domínio colonial. A cronista ressalta que a preocupação do Mahatma não era a mera alfabetização das massas nos moldes ocidentais, pois isso não interessava no processo de civilização do povo. O que realmente importava era preparar essas crianças para a vida em comunidade, física e espiritualmente. Para Cecília, esse era um belo sonho, ainda não conhecido completamente em seu tempo. Contextualizando, temos que lembrar que o Brasil dos anos 30, década de publicação da crônica, também era majoritariamente agrário, com absurdas taxas de evasão escolar e com muitas semelhanças com a Índia, sendo ambos os países subdesenvolvidos. Esses aspectos não passaram, portanto, despercebidos pela escritora. As duas nações precisavam da educação como instrumento da Verdadeira civilização.

Civilizar é tornar apto para a criação de um destino. Oferecer forças, capacidades, orientação para a liberdade. Liberdade em todos os sentidos: ao lado do livro que instrui, a roça e o tear, que executam. Trabalho e pensamento. (MEIRELES, 2001, p. 81)

Na crônica “Despertar” (MEIRELES, 2001, pp. 59–60), Cecília usa a figura de Gandhi, assim como a de Sócrates, para tratar do tema educacional. Se reconhecermos que a educação forma o homem, a grande dificuldade está, justamente, em fazer despertar nele a vontade para adquiri-la. A cronista, como boa observadora do mundo, não deixa escapar o fato de que a maioria dos seres humanos vive como sonâmbulos sem “senões” ou “porquês”, exceto, é claro, quando acontece alguma fatalidade que lhe tire do lugar comum. Grandes exceções vieram dos exemplos socrático e gandhiano. Diz Cecília:

A maiêutica de Sócrates era um acordar contínuo dessa poderosa e secreta força que, dentro da vida, se afirma como vida mais nítida. E o seu *daímón*, aquela sua inspiração vigilante e certa, não deixará de ser, na Verdade, a voz latente e clara de uma vida mais alta, como, em Gandhi, a “pequenina voz silenciosa” que, do extremo da Ásia, se tem feito, no entanto, ouvir até a Britânia, de indiferentes ecos (...). (MEIRELES, 2001, p. 59)

Comparar figuras tão distantes no tempo não é tão difícil quando reparamos que tanto Sócrates quanto Gandhi usaram a própria vida como exemplo daquilo que

pregavam, isto é, eram adeptos de uma práxis de sua filosofia. O sábio grego não deixou nada escrito, preferia dar aulas ao ar livre, andando e perguntando coisas a quem se achava muito sabedor delas. Eram seus alunos, especialmente Platão, que se preocupavam em escrever o que ele ensinava. O importante era fazer esse despertar da consciência humana. O sábio indiano escreveu bastante sobre política, ética, direitos humanos e até sobre si mesmo. No entanto, ele também, enquanto seguidor de Satyagraha e defensor de Ahimsa, usou sua vida para exemplificar aquilo que pregava e também tentava despertar as consciências através da educação de seu povo. Ainda que a cronista reconheça que no hinduísmo não se recomenda “acordar quem ainda estiver dormindo”, ela alerta que é grande a propensão ao sono.

Trabalho e pensamento nos levam diretamente à próxima crônica, “A vida que não está sendo vivida” (MEIRELES, 2001, p. 3–5), na qual Meireles aborda, justamente, uma educação que propugna uma necessidade de retribuição dos homens eruditos à sua comunidade de origem. Ela inicia comentando um texto publicado no periódico *Rural Indian*, de autoria de W. Samiah, no qual o autor indaga sobre exatamente que tipo de retorno esses homens eruditos podem dar às suas comunidades. O escritor lamenta que muitos jovens tenham sido seduzidos pela intensa vida social das cidades e que não voltem a seus rincões de origem. A vida urbana produz ególatras voltados para o luxo e ingratos com seu passado nas aldeias. Seria útil se esses homens formados nas universidades beneficiassem o meio rural com o seu conhecimento. Como exemplo, ele cita que médicos poderiam tratar enfermidades locais, engenheiros poderiam se debruçar sobre problemas como irrigação, canalização e demais construções necessárias para melhorar a vida no campo, assim como advogados poderiam tratar de inquéritos locais. Aí entra a voz ceciliana comparando Samiah a outros vultos da Índia, como o já mencionado Tagore.

Acrescentaria, de minha parte, o próprio Gandhi como um destes “bons sonhadores” que não podem compreender a vida sem ser uma forma de constante, alegre e desinteressado servir. Cecília não sabia se essa visão solidária da educação teria, de fato, alguma repercussão na Índia que atravessava, à época, uma fase muito difícil. Mas ela não deixa de enxergar que tanto no passado quanto naquele momento a vida não estava sendo vivida com a grandeza que merecia.



É, em certo sentido, uma crônica de vanguarda que já tratava de assuntos que se tornaram muito populares nesse início de século XXI, com a nossa sociedade totalmente entregue a um mundo não só automatizado, mas informatizado. Para a escritora, o ambiente das cidades já era sufocante, poluído, o tempo era cronometrado e devorava a vida, a inteligência e todo o colorido que há em viver. O poder literário dessa crônica está na forma de descrever a própria civilização moderna que também era alvo da crítica gandhiana.

Desde que entramos neste cenário torturante da chamada alta civilização é como se subíssemos à prancha giratória de um circo, dominada por um movimento aceleradíssimo e sem promessa e nem esperança de parada. Toda nossa energia se concentra em vigiar o equilíbrio, para evitar o que nos parece um infalível desastre. (MEIRELES, 2001, p. 4)

Se o desastre parece inevitável e estaríamos nessa tentativa de fuga desperdiçando as nossas vidas, então poderíamos ter um ritmo mais lento, mais voltado ao interior, à contemplação das montanhas ou das estrelas. Algo que nos desligasse do efêmero e mirasse o eterno.

A crônica “A extensão da nossa liberdade” (MEIRELES, 2001, pp. 7–9) também não alude diretamente ao nome de Gandhi e, aparentemente, não teria uma ligação com os postulados indianos propostos. No entanto, comparo a urgência da fala da poeta-cronista a um desabafo compromissado com a Verdade e também com o desapego do ego. Cecília começa lembrando que muitas vezes nos achamos como super-heróis capazes de modificar o mundo inteiro e nele influir com nossos bons propósitos. “Porque temos a boa-fé imensa dos que acreditam que a humanidade deseja evoluir, e recebe com alegria todas as oportunidades de progresso.” E, então, como não pensar que a liberdade não é exatamente isso? “Somos todos prisioneiros.” (MEIRELES, 2001, p.7).

Cecília nos lembra que somos prisioneiros do mundo, uns mais outros menos, mas não escapamos de tudo que pode nos acorrentar, inclusive, o pensamento. Ainda que algumas datas como o 14 de julho, da queda da Bastilha, nos lembrem da força da liberdade, elas não são capazes de indicar uma fórmula que possa agir magicamente sobre o desejo de liberdade e o realizar em todos os sentidos. A autora nos mostra as armadilhas do cotidiano, do ego, da vida, que enganam e nos aprisionam:

Percebemos as pequenas Verdades transitórias e relativas de todos os dias, e a grande Verdade absoluta, que, de longe, comanda o giro rítmico da própria mentira (...) Mas não a podemos dizer. Fica-nos sobre os lábios ardendo... Não pode viver cá fora (...) Não há uma atmosfera que a sustente (...) (MEIRELES, 2001, p.8)

Somos forçados a viver com medo e prisioneiros de nós mesmos, por mais que acreditemos numa Verdade absoluta. Pressionados por amigos e inimigos, nós ainda temos a coragem de nos dizer livres. Como somos livres se somos tolhidos diariamente por preconceitos, mesquinhas, mentiras convencionais e cristalizadas, segregação de classe ou casta? A cronista, como boa leitora dos *Upanișads*, lembra que a alma é imortal e a liberdade é seu clamor legítimo. Nós só poderemos conquistá-la, de fato, quando transcendermos o “corpo miserável” que vicia o “espírito imortal”.

Lembrando que Gandhi se dizia alguém comprometido com a Verdade suprema e que, portanto, era normal que mudasse de opinião caso a Verdade apontasse para outra direção, pode-se analisar a sensata crônica “Os Intransigentes” (MEIRELES, 2001, p. 13–15). Aqui, Cecília mira exatamente o tipo de ser humano incapaz de rever suas opiniões e que se acha o dono da Verdade, sendo sua razão única e sobre a qual não quer transigir. “Os intransigentes são os refratários à evolução” (MEIRELES, 2001, p. 13). Começa assim a crônica já denunciando os obstinados a qualquer custo. Meireles lembra a religiosidade hindu que vislumbra a eternidade, apesar da aparência de transitoriedade. É nesse horizonte que ela se percebe sorrindo o jogo de ilusões do mundo. E como o mundo nos ilude, tudo pode mudar, inclusive as opiniões. Por isso,

Ser intransigente é, pois, também desprezar covardemente a própria humanidade. É desconhecer por completo essa alegria de acompanhar o movimento do espírito humano, saudando com encanto cada um dos seus instantes, não porque traga esta ou aquela soma de benefícios, mas simplesmente porque pertence à vida – e a vida é um dom extraordinário. (MEIRELES, 2001, p. 13)

O intransigente não vê o valor da vida porque é um egoísta. Cerca-se dentro de uma bolha que o protege de ideias diferentes da sua. É Inimigo, pois, da Verdade e da Não-Violência, que lidam justamente com o desapego do ego para se chegar a soluções dos conflitos. Sua obstinação é tanta que ele recusa qualquer coisa que lhe

ofereçam e que possam sugerir algo diferente daquilo que havia pensado. A cronista pondera que no vasto campo de nosso universo deve existir também alguma razão desconhecida para a existência do intransigente. Nos mistérios da vida, não podemos prever se um intransigente não poderá reaparecer transfigurado. Ainda assim, não há tipo pior para lidar com a infância e a juventude. Estas inocentes fases da vida que, sabiamente, ignoram as intransigências de opinião.

Por conclusão, o homem intransigente não pode ser um educador porque lhe falta a beleza de poder descobrir em cada coisa “uma razão maravilhosa de existência, uma sugestão, uma esperança, um ideal” (MEIRELES, 2001, p. 15). Os educandos desejam abrir-se ao mundo enquanto o intransigente oprime e sufoca. “O educador tem que ser um acordador de energia. O intransigente é um portador da morte” (MEIRELES, 2001, p.15)

Alçar voo num corpo terreno de modo que alcance o inefável, o eterno, é, novamente, tema da crônica cecilianiana “Equilíbrio” (MEIRELES, 2001, pp. 55–57). O espírito humano é detido pelas inúmeras obrigações que criou para si mesmo e está acorrentado à prisões que só geram dor. Entretanto, não é de sua natureza ficar mesquinamente preso às coisas, pois a prisão na qual ele se encontra é uma invenção de si próprio que cerceia sua liberdade. O que o homem almeja, de fato, é a comunhão com o todo, o sagrado, o universo. Ele precisa, então, equilibrar-se entre seu ser social e individual. O que vemos, em geral, é exatamente o oposto: são as ações individuais governando a maior parte de nossas ações.

Não há nada mais triste no mundo que o voo do espírito detido pelo peso das necessidades. As obrigações que o homem criou para si mesmo, no sistema de vida que os séculos superpuseram à vida espontânea, começaram por ser uma disciplina de relações múltiplas, mas acabaram por uma tortura de prisões múltiplas, diferentes umas das outras para tornarem ainda maior o sofrimento. (MEIRELES, 2001, p. 55)

### 2.3 OUTRAS CRÔNICAS: O ANIVERSÁRIO DE GANDHI

Começo esta seção com um estudo sobre a contemporaneidade das crônicas de Cecília Meireles para, posteriormente, passar para a análise da crônica “O Aniversário de Gandhi”. Este texto toca muito tangencialmente no tema da educação, pois seu foco é outro, que é mostrar ao mundo quem de fato era o

Mahatma Gandhi, sua relevância como figura pública mundial, naquele e em todos os tempos, e sua condição de quase imortalidade.

Ainda que crônicas, de um modo geral, sirvam para refletir sobre as ideias e os costumes da época que são retratados pelo cronista, a questão da contemporaneidade das crônicas cecilianas é pertinente e importante aqui. Concordando com o filósofo italiano Giorgio Agambem, em sua obra *O que é o contemporâneo* (2009), para quem a ideia da contemporaneidade é a de algo que, ao mesmo tempo, adere e se distancia do sujeito, dissociado e anacrônico. Uma obra contemporânea de qualquer época é aquela que lança luz sobre o tempo em que vivemos, enquanto críticos, pesquisadores ou leitores. Isso é mais claro ainda na literatura em que a escrita sobre o próprio tempo deve cindir-se, afastar-se de si mesma, para dar conta de relatar algo que venha de um sobrevoo sobre o si próprio. Cecília tem essas marcas de uma escritora contemporânea, mesmo que tenha tido seu auge literário há mais de meio século. E sua escrita singular sobre a Índia traz justamente um panorama do arcaico e do moderno, um olhar de espanto e distanciado, que consegue trazer à tona aquilo que, de tão trivial, passa despercebido pela maioria das pessoas: o olhar contemporâneo que consegue enxergar tanto a Índia moderna quanto o legado ancestral dessa civilização. Podemos observar esse amálgama neste trecho da crônica “Pensamentos do Caminho”:

No entanto, pensar em Nova Delhi é recordar o convívio de muitos amigos, é rever variados sítios, uns cheios de passado, como os monumentos de seus arredores, \_ outros, repletos de futuro, como esse moderníssimo Laboratório Nacional de Física, onde tantas pesquisas estão sendo conduzidas sobre diferentes problemas da ciência, e em que se opera a magia contemporânea de se cozinhar com raios de sol (...) (MEIRELES, 1999a, p. 276)

Um mundo novo, uma cultura antiquíssima, uma riqueza cultural inimaginável estavam ali, diante dos olhos da escritora. E tudo isso mesclado às pessoas vivas, ao estado moderno, às relações políticas que, naquele lugar, remetiam invariavelmente aos *Upanishads*, os textos sagrados da Índia e, conseqüentemente, ao postulado gandhiano de paz. Ela enxerga os postulados antigos atravessando o tempo e reverberando em toda parte através do que Gandhi mostrou ao mundo.

A época de Meireles, da violência do pós-guerra, da luta anticolonial na Índia, que culminou no assassinato de Gandhi após a Independência do país, trazia insegurança, desesperança quanto ao futuro do mundo. Um período obscuro, sem dúvida. Então, seguindo ainda a ideia de Agambem,

O contemporâneo é aquele que percebe o escuro de seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpretá-lo, algo que, mais do que toda luz dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provem de seu tempo. (AGAMBEM, 2009, p. 31)

Sem dúvida, podemos dizer que Cecília observou e recebeu, em pleno rosto, a escuridão de sua época, o que transparece em seus poemas e crônicas, particularmente nos que se referem à Índia. Por isso é preciso sublimar a dor, porque as constantes mudanças causam sofrimento ao ser humano e levam ao desejo do Nirvana, ao Nada absoluto, onde não há movimento nem transformações. É o que ela nos traz da sabedoria ancestral do hinduísmo e do budismo, um desejo de despojamento para superar o facho de escuridão enviado por seu tempo, despojamento não só das riquezas materiais, mas, com humildade, despojamento de si mesmo.

Gandhi é o farol que ajuda Cecília a iluminar o facho de trevas de seu tempo. Através dele, Meireles propõe uma lírica e uma literatura educacional do homem. Pretende *esclarecer*, no sentido exato e etimológico de jogar luz àquilo que ficou nas trevas do tempo. O caminho humilde do Mahatma também era um espelho para a escritora que via, ali, o modelo de luta contra a opressão social. Mas que também revelava um compromisso com o aperfeiçoamento do próprio homem. Esse compromisso que se origina na ideia de *Ahimsa*, o princípio de Não-Violência que, como já foi visto, é um legado dos textos sagrados indianos.

Prova de que Meireles estava atenta a esse farol é a crônica “O aniversário de Gandhi” (MEIRELES, 2016, p. 134–137). Nela, Meireles compara os dois maiores expoentes indianos de sua época, Rabindranath Tagore e Mahatma Gandhi. Ela ressalta que essas duas grandes figuras, cada uma à sua maneira, contribuíram de maneira decisiva para a independência da Índia. Embora o centenário de Tagore tenha se dado na época da redação da crônica, ela diz que isso não obscurece o outro aniversário, quase centenário de Gandhi, que nascera em 2 de outubro de

1869. Nesse caso, a cronista aponta que uma data ilumina a outra e a figura do poeta ilumina a figura do homem santo, o Pai da Pátria.

Tagore, ainda hoje, fascina quem o lê. Sua formação de artista lhe trouxe a missão de se expressar em versos traduzidos em várias partes do mundo e, segundo Cecília, servindo como alimento espiritual para pessoas que liam seus textos, mesmo sem conhecer de perto a vida e os dilemas da arte vividos por aquele homem. Nas palavras de Cecília, Gandhi emerge como o contraponto ao poeta. Um era o poeta, o revolucionário no campo das letras; o outro era o político, um revolucionário no campo da práxis:

Gandhi é quase seu oposto em tudo: e tem-se a impressão de que a Providência reuniu essas duas criaturas tão diferentes para, ao mesmo tempo, mostrar a Índia no equilíbrio da sua diversidade, tão poderosa em sonho como em ação, tão capaz de alçar-se em lirismo como de procurar Deus no mais humilde caminho dos homens. (MEIRELES, 2016, p. 134)

Os dois “faróis” da civilização indiana, cada um com seu propósito, ajudaram a deixar aqueles tempos sombrios um pouco mais claros. O facho de trevas poderia ser iluminado através da arte e da literatura de Tagore ou da política e ética de Gandhi.

O caminho gandhiano, como já foi dito algumas vezes aqui, foi traçado como reiteração da experiência na própria vida do Mahatma, dos males que sofriam seus irmãos indianos, seja através da injustiça das castas ou através da injustiça dos abastados contra os humildes, ou pelos poderosos homens armados contra a população indefesa.

Ambos cumpriram sua missão: levar os indianos à libertação passando por todo tipo de privações. O povo os via vestidos como eles, ensinando a justiça, protestando contra os grandes, aceitando jejuns e prisões, só se detendo no advento da morte. Mesmo que chefes de Estado tenham feito o mesmo, é o exemplo de Gandhi que o torna imortal e, por isso, é o que deve ser levado às novas, às novíssimas gerações do século XXI, tornando-o o mais contemporâneo possível:

É o da revolta conduzida dentro de rigorosos compromissos de **moralidade e Verdade**; e por incrível que pareça, sua revolução, tendo o prazo curto das revoluções, operou-se com um espírito de educação do povo – e bem sabemos que a educação é um plano de longo prazo. (MEIRELES, 2016, p. 135, grifo nosso)

Moralidade e Verdade são palavras tão essenciais no vocabulário gandhiano, que Cecília não as esqueceu ao reiterar a máxima que diz: “Deus é a Verdade e a Verdade é Deus”. É com essa máxima que Gandhi se estabeleceu como o grande guia do povo martirizado e com ela se tornou um advogado e um jurista diferenciado. Apesar de santificado pelo povo, nunca foi esse seu objetivo, pois nunca quis ser mais que homem e cidadão. É um exemplo, entre poucos, de que, em nossa época, também se pode ser feliz na mais humilde das condições. É novamente o farol gandhiano a iluminar as trevas do nosso mundo contemporâneo, como vemos a seguir:

**Há em Gandhi uma claridade fixa**, que cativa as pessoas de boa vontade, porque ela é uma promessa, uma esperança de que cada um de nós pode ser assim – de que a natureza humana pode ser sem perversidade, sem desvios, sem lances de mentira e traição. Que esses defeitos podem ser redimidos, que o homem pode cultivar em si apenas o que há de generoso e nobre em sua natureza, e que pode chegar à mais alta dignidade sem destruir nenhuma vida, sem oprimir nem desprezar ninguém. (MEIRELES, 2016, pp. 136-137, grifo nosso)

O exemplo de vida de Gandhi fez com que fosse fervorosamente seguido por uma Índia que necessitava de bons homens para guiá-la no difícil processo de independência e modernização. Ele foi aquele que pregou a justiça e Verdade sem distinção de classe, raça, filosofia ou religião. Por isso mesmo, era um homem capaz de cativar as pessoas de boa vontade no mundo todo. Pessoas como Cecília que, ao se depararem com o exemplo de vida gandhiano, conseguiram transmitir de maneira poética os ideais que demonstraram ser possível a felicidade na mais humilde das existências.

### 3 A PRESENÇA DE GANDHI NA POESIA CECILIANA

#### 3.1 Os anos iniciais

A felicidade para Cecília Meireles estava longe do lugar comum. Desde muito jovem, quando ainda era ligada às revistas simbolistas *Árvore Nova*, *Terra de Sol* e *Festa* (entre 1919 e 1927) e acompanhada de outros escritores cristãos como Tasso da Silveira e Andrade Murici, a escritora buscava uma nova forma de ver e fazer literatura, uma visão baseada no equilíbrio, no pensamento metafísico que apontava para uma felicidade baseada no desapego. O desapego, não só de bens materiais, mas também e o mais importante, o desapego de si, exige o compromisso com a Verdade, motivo supremo da filosofia gandhiana, deixando para trás vaidade e orgulho. *Espectros*, de 1919, *Nunca Mais...* e *Poemas dos Poemas*, de 1923, e *Baladas para El-Rei*, de 1925, constituem essa produção inicial. Livros que a própria autora preferiu retirar da publicação de *Obras Completas* porque neles ainda era possível perceber uma forte carga simbolista, como se percebe no poema que é título do primeiro livro, *Espectros*:

Nas noites tempestuosas, sobretudo  
Quando lá fora o vendaval estronda  
E do pélago iroso à voz hedionda  
Os céus respondem e estremece tudo,

Do alfarrábio, que esta alma ávida sonda.  
Erguendo o olhar; exausto a tanto estudo,  
Vejo ante mim, pelo aposento mudo,  
Passarem lentos, em morosa ronda,

Da lâmpada à inconstante claridade  
(Que ao vento ora esmorece ora se aviva,  
Em largas sombras e esplendor de sois),

Silenciosos fantasmas de outra idade,  
À sugestão da noite rediviva  
\_ Deuses, demônios, monstros, reis e heróis. (MEIRELES, 1919, p. 12)

A escolha para apresentar sua poesia em forma de sonetos em seus primeiros poemas, assim como o uso da metrificacão e de imagens altamente metafóricas, levam o leitor mais crítico a uma inevitável comparaçãõ aos poemas



simbolistas de Cruz e Souza, Alphonsus de Guimarães e outros, que, a princípio, a afastaria dos propósitos dos modernistas de 1922.

O grupo espiritualista de Cecília evoluiu à margem daquele grupo, priorizando pensamento filosófico, tradição e universalidade. Porém, Cecília, diferente de seus companheiros de revista, não trabalhava apenas com o pensamento filosófico cristão. A sua universalidade também vinha do pensamento filosófico e da tradição Hindu, que, como já foi demonstrado, ela já conhecia desde muito cedo. Por isso, já se observa na jovem Cecília, recém-formada professora e exemplificado no poema acima, alguns valores vindos da tradição indiana. Algo que a própria poeta (MEIRELES apud BOSI, 2007, p.13) chamou de uma “certa ausência do mundo” para refletir sobre o próprio mundo, essa visão de sobrevoo que só é possível quando o eu-lírico renuncia a si mesmo, se distancia de tudo quanto foi vivido, amado ou sofrido.

Em *Espectros* já experimentamos esse distanciamento quando somos chamados a ver o que surge na noite de tempestade, com vendavais e trovões, acompanhando a alma cansada de tanto estudo esmiuçar o ambiente à procura de algo além, e se deparar com figuras mitológicas que a noite apresenta: “deuses, demônios, monstros, reis e heróis”. (MEIRELES, 1919, p. 12). Cecília tinha essa necessidade que lhe era natural de descrever as coisas do mundo realçando suas formas, nomeando-as para torná-las mais visíveis, assim como ela fez com esses espectros noturnos que povoavam sua mente e que se tornaram, pelo viés da poesia, objetos do amor. Sentimento que, não podemos esquecer, é a mais correta tradução da Não-Violência para Gandhi. Nas palavras de Darci Damasceno:

O conjunto de seres e coisas que, latejam, crescem, brilham, gravitam, se multiplicam e morrem, num constante fluir, perecer ou renovar-se, e, impressionando-nos os sentidos, configuram a realidade física, é gozosamente apreendido por Cecília Meireles que vê no espetáculo do mundo algo digno de contemplação – de amor, portanto. (DAMASCENO, 1972, p. 17)

A cultura indiana não aparece apenas de maneira sutil nesses primeiros poemas. Na coletânea *Espectros*, ela é explícita no poema “Brâmane”:

Plena mata. Silencio. Nem um pio  
De ave ou bulir de folha. Unicamente

Ao longe, em suspiroso murmúrio,  
Do Ganges rola a fúlgida serpente.

Sem ter no pétreo corpo um arrepio,  
Nu, braços no ar, de joelhos, fartamente,  
Esparsa a barba ao peito, na silente  
Mata, o Brâmane sonha. Pelo estio,

Ao sol, que os céus abrasa e o chão calcina,  
Impassível, a sílaba divina  
Murmura... E a cólera hibernal do vento

Não ousa à barba estremecer um fio  
Do esquelético hindu, rígido e frio,  
Que contempla, extasiado, o firmamento. (MEIRELES, 2003, p. 210)

O poema revela a figura mítica do sábio hindu idealizado pelo eu-lírico ceciliano. Alguém apartado do mundo que contempla os céus em absoluta concentração, provavelmente trabalhando a Não-Violência interior e buscando a Verdade. Novamente, vemos presente no texto ceciliano o valor da contemplação na busca por uma comunhão com o todo e a descrição física do místico indiano que tornam evidente aquela estética da Verdade proposta por Dilip Loundo..

Se a contemplação é feita como exercício do amor do poeta pelas coisas contempladas, esse exercício mental deve ser feito com muita disciplina, ou seja, o provável arrebatamento proporcionado pelos sentidos expostos à contemplação não podem turvar a nossa mente, nos cegando para a própria realidade. Por isso, novamente vemos a importância da noção de sobrevoos. Cecília descreve muito bem o sábio indiano como se o visse de cima e fosse se aproximando para observar não só sua aparência física, mas também a sua postura, o seu gestual. Ao mesmo tempo em que proporciona ao leitor esse arrebatamento da contemplação, que vem especialmente ao final do poema com a visão do firmamento, não perde de vista o dado real proporcionado, seja pelo ambiente \_ a mata, o Ganges, o vento, o sol \_ seja pelo próprio posicionamento do corpo do sábio \_ o pétreo corpo, nu, braços no ar, de joelhos, a esparsa barba ao peito.

Ainda segundo Loundo (2007, p. 132), essa produção inicial, da qual o poema acima é um exemplo perfeito, é caracterizada pelos estudos que a própria poeta fez do lirismo místico de Tagore. A presença oriental acontece nas palavras do pesquisador: "(...) de um modo muito limitado e preparatório." (2007, p. 132) Ela vem

muito dos estudos orientalistas predominantes na época, e que estavam contaminados por preconceitos e estereótipos vindos do idealismo alemão, em especial o do pessimismo de Arthur Schopenhauer (1788 – 1860), o primeiro filósofo europeu a usar em sua filosofia elementos do hinduísmo e do budismo a partir de leituras que fez dos *Upaniṣads*. A leitura equivocada se dá, em grande medida, porque o filósofo nunca esteve em solo indiano nem teve contato direto com as obras originais, ficando restrito às primeiras traduções para o latim desse texto na Europa. Essa visão de uma mística oriental estereotipada pode ter levado Meireles a escrever “O diviníssimo poeta”, de 1924. A idealização do grande poeta indiano a faz temer sua visita ao Brasil, onde as pessoas não o compreenderiam:

Rabindranath! Rabindranath! Rabindranath!  
Por que deixas a luz mística do teu Oriente,  
Que é o corpo de ouro dos ídolos de lá  
Onde os ídolos são a luz do sol de toda a gente!

Há tão profundo, tão vasto e tão lânguido encanto  
Nos teus poemas sagrados, pairando como luas  
Sobre o mundo, que eu nunca soube, do teu canto,  
Se as palavras eram de Deus ou se eram tuas...

E tu estavas perdido no prestígio glorioso da ausência...  
Penso que vais aparecer... Meus olhos andam tristes...  
Os tempos não têm clemência! Os homens não têm clemência!  
E todos vão saber que vives, que és, que existes!...

Sofro porque eras o Todo Longe, o Todo Altura,  
O Creador, que ninguém sabe como será...  
É muito, é enormemente doloroso ser criatura...  
Rabindranath! Rabindranath! Rabindranath! (MEIRELES, 2003, p. 212)

O Todo longe, Todo Altura seriam personificados. Cecília reconhece a própria idealização que ela mesma faz do grande escritor indiano. Em sua interpretação, a presença de Tagore o tiraria do pedestal sagrado que criou para ele. Em termos gandhianos, era como se a Verdade pudesse materializar-se e essa possibilidade gerasse uma angústia tremenda por, talvez, não ser aquilo que arduamente buscou a vida toda. O eu-lírico separa o que é divino – o campo dos ídolos que guiam as pessoas como a luz do sol – do que é humano – o campo daqueles que não têm clemência. Entre ser criador e criatura, o poeta laureado deveria escolher a divindade da criação.

O que se observa da filosofia gandhiana nessa poesia inicial de Cecília Meireles é algo ainda muito sutil. De maneira ainda um pouco velada, temos o compromisso dessa poesia com o misticismo indiano, permeada por uma escrita com elementos ainda com alguns traços simbolistas, buscando sentimentos universais, expressados na forma como o eu-lírico contempla o mundo e o descreve através de um compromisso estético com a Verdade. Essa proposta ganhará mais robustez ao longo dos anos, porém, desde o início, percebe-se a intenção da autora em ser extremamente fiel à sua percepção e à contemplação do mundo.

### 3.2 Cânticos, Viagem e outras obras da maturidade

*Cânticos* é uma obra publicada postumamente, em 1981, mas, segundo Dilip Loundo (2007, p. 135), a datação estimada de sua redação é de 1927, portanto, em um período de transição entre a produção inicial e o livro *Viagem*. É um poema dividido em 26 cânticos no qual Meireles evidencia toda sua trajetória espiritual e sua intuição. Possui um aspecto exortativo em que a poeta se reveste da aura de guru e o leitor passa a ser o seu aprendiz. Loundo aponta que a própria estrutura do livro se assemelha em muito a da literatura *prakaraṇa*, que são tratados introdutórios, em sua maioria versificados, da tradição Vedānta<sup>4</sup>. Para o pesquisador é possível analisar esse livro em uma trilogia que mostra esse caminhar da autora rumo a um conhecimento não dualista, presente nos Upaniṣads: o desapego do mundo; o desapego de si mesma; a compreensão de unidade total entre si mesmo e o mundo objetificado. O “Cântico I”, que abre o livro, é um bom exemplo do desapego ao mundo:

Não queiras ter Pátria.  
Não dividas a Terra.  
Não dividas o Céu.  
Não arranques pedaços ao mar.  
Não queiras ter.  
Nasce bem alto,  
Que as coisas todas serão tuas.  
Que alcançarás todos os horizontes.

---

<sup>4</sup> A filosofia Vedānta é uma tradição espiritual explicada nos *Upaniṣads* que se preocupa, principalmente, com a autorrealização, através da qual se pode compreender qual a real natureza da realidade. O Vedānta - que significa "a meta de todo o conhecimento" - por definição não se restringe ou está confinada a um único livro, e não é a única fonte da filosofia vedântica. Baseia-se nas leis espirituais imutáveis que são comuns às tradições religiosas e espirituais indianas.

Que o teu olhar, estando em toda parte  
Te ponha em tudo,  
Como Deus. (MEIRELES, 1981, p. 4)

No poema, o guru/poeta aconselha, basicamente, que o seu aprendiz/leitor abandone todas as preocupações com o mundo, que não se preocupe com Pátria, Terra ou Céu; o importante é não querer ter alguma coisa. Quando se chega a esse nível, as coisas as quais renunciou já serão suas porque estará mirando o horizonte infinito que o colocará em comunhão com Deus. E Deus na visão gandhiana é a Verdade. Portanto, esse desapegar do mundo faz parte do *Satyagraha*. Foi uma busca constante na vida do Mahatma, livrar-se de todo o peso do mundo, alimentar-se apenas do necessário, vestir-se apenas com seu vestuário simples, possuir apenas um lugar modesto para morar, porque nenhuma dessas coisas constitui um ganho Verdadeiro. Só se vê bem no horizonte estando despido das coisas do mundo para entrar em comunhão com o todo e encontrar a divindade.

Exemplo maior desse desapego mundano é o “Cântico XIV”:

Eles te virão oferecer o ouro da Terra.  
E tu dirás que não.  
A beleza.  
E tu dirás que não.  
O amor.  
E tu dirás que não, para sempre.  
Eles te oferecerão o ouro d'além da Terra.  
E tu dirás sempre o mesmo.  
Porque tens o segredo de tudo.  
E sabes que o único bem é o teu. (MEIRELES, 1981, p. 30)

Aqui, fica claro a necessidade de não se deixar corromper na busca espiritual pelos supostos tesouros do mundo. O ouro, a beleza e o próprio amor carnal podem desviar o leitor/aprendiz de seu caminho, o caminho da Verdade. Mesmo que se ofereçam coisas surpreendentes ou inimagináveis, nenhuma delas pode tirar o Verdadeiro valor que está dentro de si, no mais íntimo do ser humano. Não há poder sobre a Terra ou fora dela capaz de abalar esse segredo inviolável que todo ser carrega.

Já o desapego de si pode ser conferido, por exemplo, no “Cântico IV”:

Adormece teu corpo com a música da vida.  
Encanta-te.  
Esquece-te.  
Tem por volúpia a dispersão.  
Não queiras ser tu.  
Queira ser a alma infinita de tudo.  
Troca o teu curto sonho humano  
Pelo sonho imortal.  
O único.  
Vence a miséria de ter medo.  
Troca-te pelo Desconhecido.  
Não vês, então, que ele é maior?  
Não vês que ele não tem fim?  
Não vês que ele é tu mesmo?  
Tu que andas esquecido de ti? (MEIRELES, 1981, p.10)

Os conselhos desse cântico parecem girar em torno de um estranho paradoxo: no terceiro verso o eu-lírico aconselha “Esquece-te” e, ao fim, indaga como se fosse um lamento, “Tu que andas esquecido de ti?”. No entanto, temos que compreender o caminho existencial e filosófico que o aprendiz deve trilhar para chegar a um nível de autoconhecimento que perceba que, somente desapegando-se de si mesmo, ele terá a compreensão da sua participação no todo. É necessário se encantar com o mundo, deixar-se levar pelos mistérios da vida, superar os próprios medos, esquecer-se e se sentir integrado à “música da vida”. Só assim o aprendiz poderá vislumbrar o Desconhecido, que não é outro senão ele mesmo, que havia se perdido. É um círculo que pode ser interpretado como se, através do despojamento de si mesmo, descobrisse que o grande mistério do mundo sempre esteve no mais íntimo de seu ser.

Desapegar-se de si mesmo, renunciar, são elementos que indicam a terceira parte da trilogia proposta por Loundo e pode ser verificada, por exemplo, no “Cântico XI”:

Renova-te.  
Renasce em ti mesmo.  
Multiplica os teus olhos, para verem mais.  
Multiplica os teus braços para semeares tudo.  
Destrói os olhos que tiverem visto.  
Cria outros, para as visões novas.  
Destrói os braços que tiverem semeado,  
Para se esquecerem de colher.  
Ser sempre o mesmo.  
Sempre outro.

Mas sempre alto.  
Sempre longe.  
E dentro de tudo. (MEIRELES, 1981, p. 28)

Novamente, um cântico que trabalha com dicotomias. Os conselhos parecem contraditórios, é preciso renovar-se, renascer em si mesmo e, para isso, a princípio, é preciso ver mais, é preciso semear mais. Então, o conselho se inverte dizendo que se deve apagar o que os olhos viram para que surjam novas visões, que se deve destruir os braços que antes haviam semeado as coisas novas para que se esqueça da própria colheita. Só assim se vai longe, se percebe o mundo e se consegue perceber dentro dele como uma unidade perfeita.

Essa comunhão é mais clara ainda no “Cântico XXII”:

Não busques para lá.  
O que é, és tu.  
Está em ti.  
Em tudo.  
A gota esteve na nuvem.  
Na seiva.  
No sangue.  
Na terra.  
E no rio que se abriu no mar.  
E no mar que se coalhou em mundo.  
Tu tiveste um destino assim.  
Faze-te à imagem do mar.  
Dá-te à sede das praias.  
Dá-te à boca azul do céu.  
Mas foge de novo à terra.  
Mas não toques nas estrelas.  
Volve de novo a ti.  
Retoma-te. (MEIRELES, 1981, p. 44)

Obviamente, temos aqui a visão não dualista do mundo. Os primeiros versos já entregam que não é uma busca espiritual para se fazer longe; tudo, na Verdade, está dentro de si, assim como o próprio ser está em tudo. Devemos nos fazer à imagem do mar, cujo interior é formado de infinitas gotas que, por, sua vez, estão integradas em tudo. Entregue-se aos mistérios do mundo, à contemplação, mas não se esqueça de si, que é preciso retornar de onde tudo começou, porque essa é a força de um mundo não-dualista. Só assim a busca pela Verdade terá algum sentido. A Verdade e a eternidade que residem no próprio ser ou nos versos finais do “Cântico II”: “É a tua eternidade/ é a eternidade/ És tu”.

O amadurecimento literário de Meireles e uma presença gandhiana mais nítida em sua obra ficam mais perceptíveis a partir da coletânea *Viagem*, de 1939. A obra registra doze poemas que podem ser lidos como doze etapas de uma trajetória espiritual em que se fundem poesia e vida, o poeta e a natureza, o mundano das criaturas com o divino acessado pelo caminho da Verdade. O livro, premiado um ano antes de sua publicação pela Academia Brasileira de Letras, marca a aproximação da poeta com o movimento modernista brasileiro. Segundo Dilip Loundo,

O movimento da poeta no sentido de expandir suas opções estéticas para além do parnasianismo e do simbolismo dá-se, concomitantemente, com a percepção gradual de que uma ascese espiritual só se realiza em sua plenitude caso ela busque, positivamente, o *conhecimento do mundo*, jamais a evasão do mesmo. (LOUNDO, 2007, p. 132)

Então, é o próprio conhecimento que pode ajudar a poeta em sua busca espiritual, e durante muitos anos ela aprofundou seus estudos sobre a cultura, a filosofia e os idiomas da Índia. O contato com os postulados gandhianos de *Satyagraha* e *Ahimsa* se dá a partir do conhecimento da luta do Mahatma pela causa dos indianos, a princípio na África do Sul e, posteriormente, na própria Índia, pela Independência do país. Gandhi passou a ser a figura política e espiritual indiana mais admirada por Cecília Meireles. Para aumentar seu conhecimento do mundo, a escritora se aprofunda nos ensinamentos tradicionais dos *Upanishads* que a faz ultrapassar em muito aquilo que conhecia na época de sua produção inicial. O poema mais célebre desta coletânea, “Motivo”, já traz em si elementos desse aprendizado de Meireles sobre a filosofia indiana:

Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,  
não sinto gozo nem tormento.  
Atravesso noites e dias  
no vento.

Se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço,  
\_ não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.



Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
\_ mais nada. (MEIRELES, 1972, p. 63)

Dilip Loundo (2007, p. 137) aponta para uma mudança metafísica que pode ser percebida nesse poema. Ao invés de um caminho que busca transcender o mundo, a escritora volta sua percepção para o *Eu*. É um poema que fala de si, de um eu-lírico que é capaz de perceber-se diante da vida, diante do tempo, que ele sabe ser fugidio, percebendo o valor do momento presente. Em termos metafísicos, esse olhar para si mesmo a faz perceber também o mundo circundante. Ambos, o eu e o mundo, revelados por um lirismo maduro, funcionam como se fossem o ponto inicial e o ponto final de sua busca filosófica. Novamente, podemos ver, em cada estrofe desse poema, o compromisso do eu-lírico com a Verdade, que a faz reconhecer-se diante do próprio tempo como poeta que canta o próprio instante, sem saber ou sem se importar com a transitoriedade da existência. A única Verdade é que se canta e a canção é tudo.

Outra revelação feita a partir da busca da Verdade e refletindo sobre o próprio eu está no poema “Retrato”:

Eu não tinha esse rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro,  
nem estes olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo.

Eu não tinha essas mãos sem força,  
Tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
Tão simples, tão certa, tão fácil:  
\_ Em que espelho ficou perdida  
a minha face? (MEIRELES, 1972, pp. 63-64)

O rosto de hoje, calmo, triste, magro, com olhos tristes e lábio amargo, certamente revela algo que tinha passado despercebido até então, e não é apenas o fato de que o tempo passou para o corpo, mas que algo no interior da alma também se modificou e envelheceu. Temos uma dicotomia entre o estado do corpo físico \_

representado nas mãos paradas, frias ou mortas - e o estado emocional \_ representado em um coração que nem se mostra. Há nesse poema os rastros da alma, deixados no corpo e que alertam sobre os desenganos do mundo. Somente buscando a Verdade dentro de si e desapegando-se do ego o eu-lírico poderá extravasar a sua dúvida existencial ao final.

A Não-Violência gandhiana pode ser notada, ainda que de maneira vaga, no grande poema “Marcha”, também parte da coletânea *Viagem*. O próprio título indica um poema de inspiração militar, de que algo será posto em marcha:

As ordens da madrugada  
romperam por sobre os montes:  
nosso caminho se alarga  
sem campos verdes nem fontes.  
Apenas o sol redondo  
e alguma esmola de vento  
quebram as formas do sono  
com a idéia do movimento.

Vamos a passo e de longe;  
entre nós dois anda o mundo,  
com alguns mortos pelo fundo.  
As aves trazem mentiras  
de países sem sofrimento.  
Por mais que alargue as pupilas,  
mais minha dúvida aumento.

Também não pretendo nada  
senão ir andando à toa,  
como um número que se arma  
e em seguida se esboroa,  
– e cair no mesmo poço  
de inércia e de esquecimento,  
onde o fim do tempo soma  
pedras, águas, pensamento.

Gosto da minha palavra  
pelo sabor que lhe deste:  
mesmo quando é linda, amarga  
como qualquer fruto agreste.  
Mesmo assim amarga, é tudo  
que tenho, entre o sol e o vento:  
meu vestido, minha música,  
meu sonho e meu alimento.

Quando penso no teu rosto,  
fecho os olhos de saudade;  
tenho visto muita coisa,

menos a felicidade.  
Soltam-se os meus dedos ristes,  
dos sonhos claros que invento.  
Nem aquilo que imagino  
já me dá contentamento.

Como tudo sempre acaba,  
oxalá seja bem cedo!  
A esperança que falava  
tem lábios brancos de medo.  
O horizonte corta a vida  
isento de tudo, isento...  
Não há lágrima nem grito:  
apenas consentimento. (MEIRELES, 1972, pp. 70 – 72)

É um poema sobre duas pessoas: o eu-lírico e um outro e, entre eles, um mundo em marcha. A cadência começa de maneira sutil rompendo os montes. Apenas um pouco de sol e vento sugerem o movimento. Na segunda estrofe, presenciamos o eu-lírico duvidar da existência de países sem sofrimento. Uma mentira contada através dos tempos? Seria possível um lugar sem fome e sem guerra? Seria possível a Não-Violência exterior? Na terceira estrofe, o foco é sobre si mesmo. Nesse caso, importa destacar a expressão poética “número que se arma e em seguida se esboroa”. O eu cai no mesmo lugar do outro, parados e esquecidos mesmo com o mundo em marcha. Na sequência, o poema revela a estranha dependência do eu-lírico em relação ao outro, a quem devota o dom de saborear suas próprias palavras por mais amargas que sejam e de quem o próprio rosto lhe dá saudade.

Temos, então, uma inquietação que podemos transpor do externo para o interno. Se não é possível um mundo sem sofrimento, eu mesmo posso me livrar daquilo que me faz sofrer? O desejo de um mundo pacífico não seria também um desejo de pacificar a própria alma? No final, Cecília deixa seus leitores sem uma resposta definitiva. A esperança tem medo, não há no futuro qualquer resposta: “Não há lágrima nem grito: apenas consentimento”.

Já em “Mar Absoluto”, poema grande e o principal da coletânea de mesmo título de 1945, temos toda essa caminhada da poeta rumo ao autoconhecimento e à busca da Verdade absoluta exposta de maneira bem significativa. Nas primeiras quatro estrofes temos:

Foi desde sempre o mar,  
E multidões passadas me empurravam  
como o barco esquecido.

Agora recordo que falavam  
da revolta dos ventos,  
de linhos, de cordas, de ferros,  
de sereias dadas à costa.

E o rosto de meus avós estava caído  
pelos mares do Oriente, com seus corais e pérolas,  
e pelos mares do Norte, duros de gelo.

Então, é comigo que falam,  
sou eu que devo ir.  
Porque não há ninguém,  
tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos (...) (MEIRELES, 1972, p.  
103)

O eu-lírico começa o poema falando de uma jornada marítima dentro de um mar absoluto, como sugere o título e, portanto, totalizante e que pessoas que habitavam seu passado é que o empurravam dentro desse mar. Vozes que falavam de coisas que lhe davam instrumentos (linhos, cordas, ferros) e fantasia (sereias). Os antepassados da poeta são uma forte presença nesse mar infinito. A respeito dos “mares do oriente”, é importante lembrar das histórias da Índia, contadas pela avó açoriana. Essas vozes mortas evocadas do passado são respeitadas, são a Verdadeira mola propulsora da busca ao infinito mar. Nas últimas três estrofes é esclarecido que, além das vozes antigas que a impulsionam ao mar à sua frente, existe outro:

Não é apenas este mar que reboia nas minhas vidraças,  
mas outro, que se parece com ele  
como se parecem os vultos dos sonhos dormidos.  
E entre água e estrela estudo a solidão.

E recordo minha herança de cordas e âncoras,  
e encontro tudo sobre-humano.  
E este mar visível levanta para mim  
uma face espantosa.

E retrai-se, ao dizer-me o que preciso.  
E é logo uma pequena concha fervilhante,  
nódoa líquida e instável,  
célula azul sumindo-se  
no reino de um outro mar:

ah! do Mar Absoluto. (MEIRELES, 1972, p. 105)

Existe um mar-espelho refletindo o primeiro, povoado de sonhos. Na solidão, o eu-lírico embalado pela memória se defronta com o mar visível que revela, através de pequenos detalhes (concha fervilhante, nódoa líquida, célula azul), o outro mar, o mar absoluto Verdadeiro, a própria Verdade em si.

Mesmo em sua poesia mais famosa, na qual não há menção à Índia, de maneira explícita, podemos encontrar algo dessa sabedoria indiana embalando os versos de Cecília. O livro mais conhecido da autora, *O Romanceiro da Inconfidência*, parece não ter ligação nenhuma com o assunto aqui discutido. Ali, o herói messiânico é Tiradentes, o inconfidente. Herói que lutou por independência, não sujou suas mãos de sangue, todavia estimulou a desobediência civil pregando que não se pagasse o Quinto à Coroa.

Esse livro é o mais perfeito exemplo daquela literatura de viagem a qual Meireles tanto se empenhou e com a qual se identificou. Nele a viagem por diferentes culturas e saberes passa por diferentes estéticas e filosofias (seja oriental ou ocidental). No caso específico da cultura indiana, a escritora demonstra um profundo respeito aos princípios e dogmas hindus ou budistas ou, mais especificamente, à tradição jainista da Não-Violência, mesclada a um ativismo de dois ícones ocidentais do Mahatma, Henri David Thoreau <sup>5</sup> (1817 – 1862) e Leon Tolstoi <sup>6</sup> (1828 – 1910). Por isso mesmo, a respeito do Tiradentes que aparece no livro, a pesquisadora Margarida Maia Gouveia afirma

Essa faceta pacifista aproxima-o de Gandhi, o célebre chefe indiano que provou “que se pode viver, praticar o código moral de todos os povos – código que jaz esquecido, abandonado, desprezado sob a desordem do século, feita de paixões desencadeadas e irresistíveis seduções” Em Cecília não se verifica a opção por um único modelo de herói, mas o respeito pela força do ideal em si mesmo: isto é, a sua força exemplar. ( GOUVEIA, 2007, p. 124)

---

<sup>5</sup> Foi um autor estadunidense, poeta, crítico da ideia de desenvolvimento, historiador e filósofo. Ele é mais conhecido por seu livro *Walden ou a vida nos bosques*, uma reflexão sobre a vida simples cercada pela natureza, e por seu ensaio *Desobediência Civil*, uma defesa dessa ferramenta como forma de oposição legítima frente a um estado injusto.

<sup>6</sup> O autor de *Anna Karenina* e *Guerra e Paz* se tornou um fervoroso anarquista cristão e pacifista, escrevendo sobre o assunto em obras como *O Reino de Deus está em nós*.

Essa “faceta pacifista”, mas, ao mesmo tempo, combativa de Tiradentes, pode ser comparada ao exemplo da postura de Gandhi na luta de independência de seu país. Nos versos a seguir, do “Romance XXVII”, temos a descrição do jovem Alferes:

Pelo monte claro,  
pela selva agreste  
que março, de roxo,  
místico enflorêsce,  
cavalga, cavalga  
o animoso Alferes.  
Não há planta obscura  
Que por ali medre  
de que desconheça  
virtude que encerre  
— ele, o curandeiro  
de chagas e febres  
o hábil Tiradentes,  
o animoso Alferes....

...Adeuses e adeuses...  
Talvez não regresse.  
(Mas que voz estranha  
Para frente o impele?)  
Cavalga nas nuvens.  
Por outro, padece.  
Agarra-se ao vento...  
E um negro demônio  
seus passos conhece:  
fareja-lhe o sonho  
e em sombra persegue  
o audaz, o valente,  
o animoso Alferes. (MEIRELES, 2008, p. 104 – 108)

Para a pesquisadora (GOUVEIA, 2007, p. 125), apesar de *O Romancero* mostrar muito da presença oriental em Cecília, isso não demonstra submissão da escritora à outra cultura; não é uma presença ortodoxa. Porém, algo que se mescla a seu temperamento, é uma presença com alguns traços ocidentais. Algo que a faz crer que, para entender o presente, é preciso recontar esse passado heroico brasileiro através de várias forças que se cruzam na construção da saga, demonstrando que oriente e ocidente possuem valores universais.

O longo poema “Cata, cata, que é viagem da Índia”, cujo título e refrão, como já foi demonstrado no capítulo 1, remetem às histórias que a avó materna de Cecília lhe contava sobre o Oriente, também é um grande exemplo da presença do desejo

da Não-Violência gandhiana ao fazer a denúncia das pilhagens e massacres acontecidos em tempos remotos, quando aquele país era constantemente saqueado, em geral por potências europeias. Na primeira parte, composta do refrão e três estrofes, temos a denúncia do verso que se repete como refrão, em que tudo que tiver à mão e disponível tem que ser levado, seja a que custo for. O eu-lírico lamenta, inclusive, pelos saqueadores, piratas que agiam em nome de um rei e que se lançavam ao desconhecido, deixando para trás famílias desamparadas para satisfazerem as vontades de um soberano:

“Cata, cata, que é viagem da Índia...”

As horas da navegação, minha filha,  
os adeuses dos lenços,  
a morte nos barcos.  
Rezemos pelos náufragos.  
A ordem do rei,  
o rei que Deus tenha na sua glória  
\_ mas por que os reis querem ser donos do mundo?

Por que o rei queria o marfim e o ouro  
e a seda e a prata,  
e mandava seus galeões para tão longe,  
ao lugar onde o sol nasce  
e os ares são de jasmim?

Não se poderia viver sem cravo e cinamomo,  
sem erva-doce e açafrão  
e aquela curva pimenta coral? (MEIRELES, 2003, p. 234)

A cobiça dos reis, do mundo ocidental pelos tesouros do oriente, é a causa dos males trazidos por essa pirataria europeia. Já se mostra, nesses versos, que a exploração da nação indiana por potências estrangeiras é coisa muito antiga e que ganha a atenção do mundo quando encontra Gandhi, no século XX, como contraponto pacífico à colonização estrangeira na Índia. Mais adiante, a poeta nos lembra que tudo tem um preço e o conforto dos ocidentais com os produtos da Índia teve um custo alto de vidas humanas

(...)  
Vai por também teu vestido de seda,  
teus sapatinhos de bico, marchetados.  
As princesinhas morenas deviam ser como tu  
Nos seus palácios de madreperla.

Toma a agulha, menina, e vai contemplar  
pássaros e flores das colchas e do xales,  
Não esqueçamos o preço da viagem:  
tantos ossos misturados ao coral e às estrelas do mar. (MEIRELES, 2003,  
p. 236)

O verbo “catar” no seu modo imperativo, usado como refrão e em outras partes do poema, revela um profundo sarcasmo do eu-lírico que, ao mesmo tempo em que aconselha a menina a se apropriar de tudo quanto puder daqueles tesouros indianos que lhe forem entregues, lembra que um dia seu retrato será esquecido quando já não houver soberanos absolutos ou mesmo marinheiros para fazer a viagem. E que só resta aos que foram atingidos por essa violência lamentar e chorar: “E são milhares de olhos humildes, pelas espumas/ a chorar, a chamar, a chorar (...)”. (MEIRELES, 2003, p. 238).

Para terminar esta seção, não poderia deixar de comentar o poema que desde o título se revela uma ode à Não-Violência no país de Gandhi, “Cântico à Índia Pacífica”:

Os que nunca te viram,  
de longe, por ti perguntam,  
ó Índia remota,  
como se houvessem desde sempre sonhado contigo!  
Apenas de terem ouvido falar de tua pobreza, de teus sofrimentos,  
e de teus sucessivos sacrifícios para uma vitória difícil, contemplam-te,  
ó Índia,  
com a esperança de quem vê em ti uma transcendente pátria.

Os que te conhecem  
guardam para sempre o coração enternecido,  
ó Índia paciente,  
pois sabem dos vastos limites dos teus dramas,  
e admiram os caminhos que procuras  
para a conquista de uma felicidade sábia:  
\_ aquela felicidade,  
ó Índia,  
que se constrói com a disciplina da alma,  
e, por ser alta, é íngreme, e, para vencer o tempo,  
é vigorosa e suave, alerta, firme e diligente.

Haverá um dia  
em que a glória dos homens, dos povos e dos Estados,  
ó Índia triunfante,  
não se medirá por outro poderio senão o da sua virtude.  
Nesse dia, os reinados do orgulho e da violência



parecerão selvagens,  
ó Índia,  
e seus galardões escurecerão, tristes e indignos.

Por isso os que te amam,  
embora não tenham nascido em ti,  
ó Índia luminosa,  
do horizonte de suas várias pátrias,  
observam teu exemplo,  
e por ele se rejubilam desde agora,  
vendo antecipar-se em tua coragem e, em teu trabalho,  
ó Índia pacífica,  
em tua força espiritual e em tua mansidão,  
aquele retrato de um mundo que não envergonhará mais os homens  
futuros, quando, sozinho, refletirem  
sobre seus compromissos, na terra, com os outros homens,  
e, dentro de si, com as leis profundas do invariável Deus. (MEIRELES,  
2003, pp. 228–230)

Logo na primeira estrofe, Cecília Meireles aponta para um grande número de pessoas que desconhecem, de fato, a Índia, embora, em seus inconscientes, concebam uma nação antiga que sofreu bastante ao logo do tempo e uma possível pátria redentora que ultrapassa o mundo visível. Mas a autora aponta também, na estrofe seguinte, o que aquela cultura representa para aqueles que, assim como ela, a conheceram de Verdade. Que esses também reconhecem o passado dramático e de lutas e conclamam uma “Índia paciente”.

A poeta lembra, como Gandhi havia ensinado, que o caminho para a Não-Violência do forte tem que ser trilhado com muita disciplina, para poder, assim, vencer o próprio tempo. O eu-lírico é exortativo na terceira estrofe, desejando que um dia a “Índia triunfante” vá espalhar pela Terra o seu modelo de nação, o fim do reinado da violência e do próprio senso comum que enxerga na Índia uma terra selvagem. Senso este que irá se inverter, mostrando que são as nações mais bélicas as que têm dentro de si a selvageria.

Na última estrofe a poeta insiste em que a “Índia luminosa e pacífica” será o grande exemplo para as pessoas, mesmo que estrangeiras, que a amam e nela depositaram sua coragem e trabalho. Eles a colocaram de forma a ser vista por todo o mundo, o que fará que os Estados violentos e bélicos se envergonhem de sua própria imagem. A grande nação indiana mostrará a todos que esse compromisso

com a Não-Violência aponta para o compromisso maior, já estabelecido pelo próprio Mahatma, que é Deus e este não é outra coisa senão a própria Verdade.

Todo esse poema revela uma angústia com um mundo beligerante do fim dos anos 50 na corrida armamentista da Guerra Fria. Mas que, ao enaltecer a qualidade indiana da busca pela felicidade com disciplina e a diligência no seu princípio pacífico, prevê que, com isso, os Estados que apregoam a violência ficarão no passado. Um poema, de todo, muito atual, visto que hoje, nas primeiras décadas do século XXI, voltamos (ou continuamos, a depender do ponto de vista) a um estado de guerra constante contra inimigos invisíveis (crescimento do terrorismo) e também de países cada vez mais armados e dispostos a conflitos em escala mundial (ver as recentes provocações entre Estados Unidos e Coréia do Norte).

No plano individual também se nota, com força, o aumento da xenofobia, racismo, machismo, homofobia, como se fosse uma contracorrente de pensamentos de extrema-direita em resposta ao aumento da visibilidade das minorias conquistada ao longo das últimas décadas. Por conta disso, o desejo do eu-lírico ceciliano para que chegue ao fim o reinado do orgulho e da violência se torna atual e necessário.

### 3.3 Poemas Escritos na Índia e a Elegia sobre a morte de Gandhi

A busca de Cecília Meireles pela Verdade através da Não-Violência, sua admiração por Gandhi e por toda a cultura indiana encontraram seu clímax na viagem que a escritora fez ao país do Taj Mahal em 1953. Com 51 anos, a poeta não se deparou com nada que pudesse contradizer seus longos anos de estudo das línguas, da literatura e da cultura do povo indiano. O encontro com a Índia se deu como se fosse algo muito próximo ou, em suas palavras, “Quanto à vida na Índia, confesso que me parece tão familiar como se tivesse sempre vivido aqui” (MEIRELES apud LOUNDO, 2007, p. 159). Essa sensação de familiaridade, certamente, a ajudou e a inspirou na jornada por várias cidades indianas, já que além das já comentadas nas *Crônicas de Viagem*, ela também escreveu os textos reunidos em *Poemas escritos na Índia*. O motivo mesmo da viagem era Gandhi, que simbolizava as relações entre uma Índia ancestral e mística e outra, moderna, pós-colonial e que, de muitas maneiras, tinha problemas semelhantes aos do Brasil. Além de participar da Conferência Internacional sobre Gandhi, Cecília Meireles

queria aprender mais sobre o “amigo”, tanto sobre sua filosofia como sobre sua práxis política.

A odisseia cecilianiana no país de Gandhi, que durou três meses, foi alicerçada com uma grande carga intercultural, na qual estavam se mesclando todo o conhecimento adquirido em longos anos de estudo com as informações sensoriais que a escritora recebia a cada instante da viagem. Os *Poemas escritos na Índia* são a forma mais bem acabada desse movimento de diálogo cultural, no qual o leitor pode verificar todo o compromisso estético da autora alinhado a sua sensibilidade poética.

A presença gandhiana nessa obra pode ser sentida em toda a sua extensão, seja por uma forte presença da estética da Verdade, traduzida de forma exuberantemente sensorial, seja numa introspecção do eu-lírico em sua jornada por autorrealização, tentando trabalhar a Não-Violência interna, o desapego de si, a não-dualidade e a busca suprema da Verdade que é Deus.

O livro possui 59 poemas e em todos é possível perceber algum tipo de presença dos ideais gandhianos. Então, pela impossibilidade de se fazer análise de todos os poemas, é preciso fazer, novamente, um recorte, que terá como base alguns poemas nos quais esses traços podem ser percebidos de maneira mais evidente, seja por tratarem de temas éticos e filosóficos gandhianos, seja pelo compromisso estético com a Verdade. Deixaremos por último o único poema no livro em que a menção é clara desde o título, “Mahatma Gandhi”.

A leitura desses poemas revela a profunda delicadeza de Cecília, a atenção aos pormenores, o respeito para com o outro, a outra cultura. “Rosa do deserto” revela esse olhar detalhista e sensível e preocupado com a questão da eternidade:

Eu vi a estrela do deserto  
ainda de estrelas orvalhada:  
era a alvorada.

Por mais que parecesse perto,  
não vinha daqueles lugares  
de céu e mares.

Os aéreos muros do dia  
punham diamantes na paisagem:  
clara miragem.

E a voz dos profetas batia

contra imensas portas de vento  
seu chamamento.

Reis-touros e deusas-hienas  
brandiam seus perfis de outrora  
à ardente aurora.

Trágicas e divinas cenas  
ali jaziam soterradas,  
sem madrugadas.

Eu vi rosa do deserto:  
a exata rosa, a ígnea medida  
da humana vida.

Eu vi o mundo recoberto  
pela manhã de claridade  
da incandescente **eternidade** (MEIRELES, 2003, p. 60, grifo nosso)

O tempo que passa gera sofrimento, inquietação, angústia. Então, o que a poeta deseja é a suspensão do próprio tempo, da eternidade, grande aspiração da religiosidade hindu. O desejo do eterno está em consonância com a busca pela Verdade. O contato com a cultura diferente, com o próprio hinduísmo, surge nesse poema na descrição das divindades animais que são onipresentes na Índia, assim como a voz dos profetas, ascetas, místicos orientais que, para além de seus discursos, traziam ao eu-lírico ceciliano a sensação de eternidade. Ou, nas palavras de Fernando Cristóvão, (2007, p.75.) “(...) Porque sempre viveu na expectativa de, para além da caducidade e efemeridade das pessoas e das coisas, encontrar algo mais consistente e transcendente que a materialidade deste mundo”. Na contemplação do deserto, o eu-lírico enxerga além do material, enxerga a exata rosa do deserto, a rosa da vida, não a rosa efêmera como qualquer flor, mas a rosa eterna trazida pela alvorada.

O diálogo com os textos da tradição indiana que compõe o *corpus* literário do livro reflete também aquela experiência da viajante (não de turista) já detalhada na seção reservada às crônicas. Contudo, resta salientar, aqui, que essa viajante é alguém procurando o eterno em meio ao efêmero.

No poema “Pobreza” temos uma noção de como esse eu-lírico é capaz de transcender a visão do meramente comum, mesclando as informações físicas do homem com a percepção poética da situação para dar ao leitor a visão da divindade na pobreza:

Não descera de coluna ou pórtico,  
apesar de tão velho;  
nem era de pedra,  
assim áspero de rugas;  
nem de ferro,  
embora tão negro.

Não era uma escultura,  
ainda que tão nítido,  
seco,  
modelado em fundas pregas de pó.

Não era inventado, sonhado,  
mas vivo, existente,  
imóvel testemunha.

Sua voz quase imperceptível  
Parecia cantar – parecia rezar  
E apenas suplicava.  
E tinha o mundo em seus olhos de opala.

Ninguém lhe dava nada.  
Não o viam? Não podiam?  
Passavam. Passávamos.  
Ele estava de mãos postas  
e, ao pedir, abençoava.

Era um homem tão antigo  
que parecia imortal.  
Tão pobre  
que parecia divino. (MEIRELES, 2003, p. 66)

O poema faz essa comparação entre o que seria uma estátua de pedra ou ferro com o homem que, parado no seu ato de pedir, parece uma escultura. A descrição sensorial é filtrada pelo lirismo da poesia e a descrição torna-se comovente: “Não era inventado, sonhado/ mas vivo, existente/ imóvel testemunha”. Testemunha da própria vida que transcorria a sua frente, refletida nos “olhos de opala”. Apesar disso, os transeuntes não lhe davam coisa alguma e ali ele fica a abençoar a multidão. Somente transpondo a barreira desse mundo de ilusões é que se consegue, como Cecília, vislumbrar a divindade através da pobreza. Uma incapacidade do mundo Ocidental já descrita por ela quando afirmava que os homens não compreendiam Gandhi, “enrolado em seus panos brancos”, que renunciou a todo o mundo material em busca da Verdade. Segundo Alfredo Bosi

(2007, p. 25), “Por sua vez, a aceitação da pobreza e do absoluto despojamento é o caminho para compreender a divindade como o não-ser em face dos poderes do mundo”.

Se Meireles enxergava em Gandhi um homem santo, assim como a vasta maioria dos indianos também o enxergam, cabe olharmos com atenção o poema “Santidade”:

O santo passou por aqui.  
Tudo ficou bom para sempre,  
tal foi sua santidade.

Tudo sem temor.

Até os pássaros sensíveis e inquietos,  
Aqui são calmos, comem à nossa mesa,  
pousam nos nossos ombros,  
e em sua memória não há noção do mal.

Os pássaros não se assustam, não temem,  
porque entre os muros dos séculos  
andam os passos e as palavras do Santo;  
aos nossos pés,  
os serenos pássaros ainda mornos,

O santo passou por aqui.  
Sua sombra perdura além de qualquer morte.

Oh, entre os muros dos séculos  
o ouvido do Santo percebe  
a queda humilde  
de qualquer vida

O santo continua a passar e a ficar para sempre:  
podemos tomar nas mãos, pesar, medir,  
a notícia de sua santidade,

num pequeno pássaro morto. (MEIRELES, 2003, p. 112)

O santo/Gandhi é aquele que, por onde passou, deixou a sua marca e o que as pessoas viram foi a bondade. Sem medo e sem sinal de qualquer mal à própria natureza sente a integração cósmica da santidade com o todo. Os pássaros vêm pousar nos ombros como se fossem participantes daquela comunhão. Mesmo que o Santo/Gandhi não esteja mais fisicamente ali, seus passos podem ser sentidos, sua voz ainda é ouvida e reverberada no canto das aves. A imagem e a mensagem do

homem santo não morrem. Um homem como o Mahatma sente a dor imensa de qualquer vida perdida. Ainda assim, para aqueles que forem atentos, verão que, apesar de morto, ele continua, que é eterno e através de um dado sensorial, um pássaro morto por não temer o perigo dos ventiladores, o eu-lírico tem a certeza da santidade presente em toda parte.

O tema desse poema serve como prelúdio para aquele que, como foi adiantado no início da seção, Cecília Meireles dedica especificamente à “Grande Alma” indiana em *Poemas escritos na Índia* e que se intitula, justamente, “Mahatma Gandhi”:

Nas grandes paredes solenes, olhando,  
o Mahatma.

Longe no bosque, adorado entre incensos,  
o Mahatma.

Nas escolas, entre os meninos que brincam,  
o Mahatma.

Em frente do céu, coberto de flores,  
o Mahatma.

Na vaca, na praia, no sal, na oração,  
o Mahatma.

De alto a baixo, de mar a mar, em mil idiomas,  
o Mahatma.

Construtor da esperança, mestre da liberdade,  
o Mahatma.

Noite e dia, nos poços, nos campos, no sol e na lua,  
o Mahatma

No Trabalho, no sonho, falando lúcido,  
o Mahatma

Na bandeira aberta a um vento de música.  
O Mahatma.

Cidades e aldeias escutam atentas:  
o Mahatma. (MEIRELES, 2003, p. 84)

O eu-lírico reforça a ideia de onipresença não somente do discurso, mas também da práxis política de Gandhi em cada canto do país e em cada atividade

que os indianos exercem no seu dia a dia. Sua força é tão grande que vai dos palácios suntuosos aos bosques selvagens, força esta emanada dos seus retratos ou dos incensos acendidos em sua homenagem. Está nas brincadeiras das crianças, nas escolas - porque não se pode esquecer que é na educação que qualquer mudança positiva pode acontecer - e também está nos ambientes naturais, nas criaturas e nos elementos que fornecem vida aos indianos. Estes olham para o céu e sentem o Mahatma. E como não senti-lo na vaca, quando lutou arduamente pelo vegetarianismo mais radical ou, então, nas areias da costa indiana onde lutou para que os indianos pudessem beneficiar o próprio sal? A poeta sente em toda parte essa vontade incontida do grande sábio por liberdade, seja no trabalho braçal e duro dos indianos, seja nos devaneios que só esse país pode proporcionar. A voz do Mahatma é ouvida; de dentro da morte ele fala e toca os corações, fala e todos que ali estão, indianos ou não, escutam.

Como essa força tão poderosa é possível? Como Mahatma Gandhi pode ainda ser ouvido tanto tempo depois de sua morte? A resposta talvez esteja em todo o seu exemplo de vida, a que se soma a brutalidade de seu assassinato em 30 de janeiro de 1948. Um homem que pregava a paz pelo mundo, que ajudou na resistência pacífica pela independência de seu país, que sempre lutou com as armas da Não-Violência, ter sido abatido a tiros chocou não somente os indianos, mas o mundo todo. O Mahatma era um ícone mundial, a notícia de seu extermínio rapidamente correu a Terra. No mesmo dia, ainda fortemente impactada pela trágica notícia, Cecília Meireles escreveu uma das mais belas elegias da língua portuguesa, a “Elegia sobre a morte de Gandhi”.

Deixo para o final a análise deste poema emblemático no que diz respeito aos princípios éticos e filosóficos de Gandhi na obra ceciliana, justamente por nele conter vários dos elementos discutidos ao longo desta dissertação:

Aqui se detêm as sereias azuis e os cavalos de asas.  
Aqui renuncio às flores alegres do meu íntimo sonho.  
Eis os jornais desdobrados ao vento em cada esquina:  
“Assassinado quando abençoava o povo”. (MEIRELES, 2003, p. 218)

Esses quatro versos abrem o fúnebre poema e revelam o profundo desgosto que o impacto da notícia teve no eu-lírico ceciliano. Os jornais do dia estampavam



em manchetes o trágico acontecimento e todo o universo místico e encantado que vinha daquele lado oriental tinha sido subitamente estancado.

Uma elegia é sempre um canto fúnebre em homenagem a alguém querido, um canto de dor, porém também de celebração da memória e dos feitos de quem morreu. Meireles escreve em pleno processo de luto por aquele homem que admirava. O lamento de Cecília não é pelo desaparecimento do Mahatma, mas pelo fato dos homens não terem conseguido absorver o sentido de suas palavras, o significado da Ahimsa, da Não-Violência.

Na vasta noite, ouvi um pio triste, uma dorida voz de pássaro.  
E, acordando, procurava um lugar longe e ininteligível.  
Eras tu, então, que suspiravas, débil no pequeno sangue final?  
Eram teus ossos longínquos, atravessados pela morte,  
ressoando como bambus delicados ao inclinar-se do dia?  
*Les hommes sont des brutes, madame.*

Ó dias da Resistência, com as rocas fiando em cada casa...  
Ó Bandi Matarâ, nos pequenos hormônios, entre sedas douradas...  
“O chá de Darjeeling, Senhora, tem um aroma de rosas brancas...”  
Ruas, ruas, ruas sabeis quem foi morto além, do outro lado do mundo?  
Sombrios intocáveis da terra inteira, \_ nem sabeis que devíeis chorar! (Ibid, p. 218)

A intuição, parceira de incontáveis poetas, estava presente no espírito de Cecília quando esta afirma ter encontrado na natureza as pistas do funesto incidente. Haveria uma ligação cósmica, espiritual, ligando tudo? A tradição dos *Upanișads* e Cecília dizem que sim. Surge pela primeira vez no poema o verso em francês que se torna uma espécie de mantra às avessas: “*Les Hommes sont des brutes, madame*”. Não é uma repetição de uma frase que pretende consolar ou relaxar o espírito. É a constatação de que o ser humano pode ser movido pela maldade: “Os homens são uns brutos, madame.” É uma outra voz dentro do poema a contrapor os argumentos que o eu-lírico coloca para tentar compreender aquela barbaridade. Uma resposta sempre em francês (o europeu nunca compreendeu Gandhi) a constatar a brutalidade humana. O eu-lírico invoca o mundo, as ruas, querendo saber se a notícia atingirá a todos. Logo, constata que os “intocáveis do mundo”, aqueles por quem Gandhi lutou durante sua vida, não somente a casta indiana dos intocáveis, mas estendendo o conceito a todos os excluídos do sistema

dominante na Terra, nem deviam saber que seu grande defensor havia sido abatido cruelmente.

Cecília Meireles também não deixa de marcar a diferença entre Tagore e Gandhi: “Vós, Tagore, cantais como os pássaros que de manhã recebe alimento, mas há pássaros famintos que não podem cantar” (Ibid, p. 218). Se o primeiro é aquele que eleva e alimenta o espírito com a sua música, sua literatura, sua cultura, o segundo é aquele que vem socorrer quem já não tem mais nada, os miseráveis despojados de tudo, até da dignidade. E continua,

Deixou-te cair, Bruscamente.  
Ainda restava dentro um sorvo de sangue.  
Ainda não tinha secado teu coração, fantasma heroico,  
Pequena rosa desfolhada num lençol, entre palavras sacras.

O vento da tarde vem e vai da Índia ao Brasil, e não se cansa.  
Acima de tudo, meus irmãos, a Não-Violência.  
Mas todos estão com seus revólveres fumegantes no fundo dos bolsos.  
E tu eras, na Verdade, o único sem revólveres, sem bolsos, sem mentira  
\_ desarmado até as veias, livre da véspera e do dia seguinte. (Ibid, p. 220)

Bruscamente abatido, bruscamente lamentado, o grande incentivador da Independência estava, aparentemente, silenciado. Porém, haveria condições de ter esperança? A rosa foi desfolhada. Qual a sua essência? Em toda parte repercute a herança gandhiana da Ahimsa. No entanto, parece algo que só ficou nos discursos, pois estão todos armados, todos prontos a atirarem uns contra os outros toda selvageria do mundo violento em que vivemos. Gandhi nunca temeu essas adversidades, sempre enfrentou tudo com muita coragem, de peito aberto e, principalmente, desarmado, uma entrega de corpo e espírito à sua causa, a busca da Verdade exercendo a Não-Violência. Cecília não lamenta somente a perda física do grande líder indiano, ela lamenta, principalmente, a incapacidade dos homens de entendê-lo e as suas respostas baseadas na força bruta. Ou, nas palavras de Dilíp Loundo,

A ênfase do lamento recai sobre a brutalidade dos tempos presentes, na incapacidade dos homens de compreender a mensagem de amor e Verdade de Gandhi. A última voz de reconciliação retornava ao silêncio dos céus, já que os homens dispensavam seus serviços. (LOUNDO, 2007, p. 152)

A força do vento é ressaltada algumas vezes neste poema. É ele que espalha a notícia, a sensação de luto, que traz os telegramas, que leva a vida do grande mestre e que, o eu-lírico confessa, leva junto a melhor parte de sua vida, que tinha por espelho um homem sem bandeiras e que se colocava por inteiro no cerne dos problemas por amor ao mundo.

*Les hommes sont des brutes, madame.*

O vento leva tua vida toda, e a melhor parte da minha.

Sem bandeiras. Sem uniformes, só alma, no meio de um mundo desmoronado.

Estão prosternadas as mulheres da Índia, como trouxa de soluços.

Tua fogueira está ardendo. O Ganges te levará para longe,

Punhado de cinzas que as águas beijaram infinitamente.

Que o sol levantará das águas até as infinitas mãos de Deus.

*Les hommes sont des brutes, madame.*

Tu dirás a Deus, dos homens que encontraste?

(Uma cabrinha te acordará terna saudade, talvez)

O vento sopra os telegramas: oscilam máscaras; os homens dançam.  
(MEIRELES, Op. cit, p. 220)

Outro objeto simbólico, a fogueira que não se apaga. É o fogo eterno da mensagem, do espírito inflamado pela busca da Verdade e que, finalmente, terá seu encontro definitivo com Deus, a sua integração ao amor absoluto. O eu-lírico ceciliano lança a dúvida: irá essa grande alma falar a Deus dos homens que encontrou? Muito possivelmente, o Mahatma falaria dos homens, inclusive os que o repudiaram e o maltrataram, visto que perdoou seu assassino, com compaixão. Ainda assim, o estribilho da frase em francês não cessa. No fundo da alma há essa voz a definir tudo, os homens maus que rondam por toda parte.

A existência sempre gerou inquietação em Cecília Meireles, e nesta elegia surgem as dúvidas filosóficas, a insegurança perante o acontecido. Darci Damasceno diz:

A insegurança é apanágio do homem, que se encontra sozinho em meio aos seus semelhantes; a palavra é pobre e impossível a comunicação; a cada passo assalta-nos a dúvida, e vida e sonho, realidade e fantasia se confundem na mesma pungência. (DAMASCENO, 1972, p. 38)

É exatamente a estrutura que encontramos na “Elegia sobre a morte de Gandhi”. O acontecimento devastador faz, por si só, brotar essa imensa insegurança do eu-lírico em relação a si mesmo, aos outros, ao mundo, ao futuro. As palavras parecem não dar conta de descrever tamanha bestialidade. Nem as palavras ditas pelo Mahatma \_ que parecem ter sido levadas com o vento \_ nem as palavras da própria escritora \_ que se lança nessa linha tênue entre a ficção e o mundo real, entre o lirismo da possibilidade de Gandhi ser acordado pela cabra que o alimentava e a cruel faceta dos homens, insistentemente repetida, a alertá-la sobre a brutalidade humana - conseguem traduzir exatamente o que se sente.

Eis que vai sendo carnaval aqui. (Por toda a parte.)  
As vozes da loucura e as da luxúria retesam arcos vigorosos.  
O uivo da multidão reboa pelos mil planos do cimento.  
Os santos morrem sem rumor, abençoando os seus matadores.  
A última voz de concórdia retorna ao silêncio do céu.

Estão caindo as flores das minhas árvores. Vejo uma solidão abraçar-me.  
Chegam nuvens, nuvens, como apressados símbolos.  
O vento junta as nuvens, empurra tropa de elefantes.  
Voai, povos, socorrei o esquálido santo que vos amou. (MEIRELES, 2003, p. 220)

O eu-lírico não deixa de perceber o paradoxo do momento feliz no Brasil, com a proximidade do carnaval e a perplexidade pelo crime hediondo da morte de Gandhi. A inquietação permanece. Ele era a última voz que pregava a união e a paz entre os povos e estava morto. Cecília se sente só, partida, ferida e insegura, chega a invocar o vento que, novamente, é força que tudo leva: nuvens ou elefantes. Que o vento possa levar a sua voz, sacudir os povos a prestarem socorro ao homem Santo que se foi.

Essa inquietação e a insegurança em relação à vida e ao futuro dão a tônica da elegia se manifestando sempre com a reconhecida capacidade lírica de Meireles. Capacidade que se mostra com toda sua força nos versos seguintes:

Descai pelos meus braços uma desistência de beleza e de heroísmo.  
Que correntes haviam entre o teu coração e o meu,  
para que sofra meu sangue, sabendo o teu derramado?  
O vento leva os homens pelas ruas dos seus negócios, dos seus crimes.  
Leva as surpresas, as curiosidades, a indiferença, o riso.  
Empurra cada qual para sua morada, e continua a cavalgar.

O vento vai levantar chamas rápidas, o vento vai levar cinzas leves.  
Depois, há de escurecer. Vai se chorar muito. Vão ser choradas, enfim,  
as lágrimas que andavas contendo, detendo em diques de paz. (Ibid, pp.  
220–222)

O eu-lírico não consegue enxergar qualquer traço de virtude na humanidade, como se se esvaísse com a morte de Gandhi a crença na existência de um ser humano melhor. O sofrimento é imenso. Ele sente em seu íntimo como se a bala o atingisse, como se o último suspiro do velho mestre também fosse o seu. Novamente, ele crê na força dos ventos que tudo levam e purificam, que acompanham os homens pelas cidades onde quer que estejam, que despertarão sentimentos díspares, e que porão fim àquele mundo de tristezas, agitando as chamas da crepitação e espalhando as cinzas ao longo do Ganges. Fechado o ciclo, só restarão as lágrimas, tão fundas, tão doloridas. Lágrimas daqueles que tinham, assim como Cecília Meireles, um reservatório imenso de paz.

Gandhi cumpriu seu destino, nós é que ficamos desamparados, órfãos e cercados por ilhas de ódio, de ressentimento, de inveja. Não é à toa que a poeta nos pinta um belo quadro ao final da elegia: o encontro hipotético de Gandhi com Deus e o modo como o divino ser, de certa maneira, justifica ao recém-chegado o trágico assassinato. Um encontro que, de acordo com os princípios do Mahatma, só pode ser com a Verdade.

Os homens são uns brutos, meu filho.  
Basta de canseira.  
Vamos soltá-los para que voltem ao caos e o oceano ferva.  
E partam e regressem, e tornem a partir e regressar.  
Vem ver destes meus palácios azuis a batalha feroz dos erros.  
É preciso voltar ao princípio. Eu também vou fechar os olhos.  
Por isso ordenei que te quebrassem com violência.  
Não há mais humanidade para ter-te a seu serviço.  
Exala comigo o teu sopro. Até podermos outra vez abrir os olhos,  
Quando os homens chamarem por nós. (Ibid, 2003, p. 222)

Este Deus ceciliano está de acordo com a sentença constantemente repetida na elegia. O homem tornou-se brutal em sua essência. Não sabe ouvir os clamores daqueles que lutaram pela paz, dos que foram tocados por ela e pela mensagem de Gandhi, se desviou completamente do caminho da Verdade. É importante notar que a resposta de Deus a esse Gandhi que foi assassinado se dá em português e não em francês, seguindo o mantra que havia sido estabelecido.

Já não é mais a resposta da voz de outrem ao eu-lírico falando da brutalidade dos seres humanos; é a própria resposta divina ao Mahatma que esse eu-lírico poeticamente traduz em seus versos. Para esse Deus, o velho mestre indiano estava “pregando no deserto”, então se fazia necessário que a mensagem chegasse de outro modo, de maneira chocante, pela ausência trágica do grande líder. Era hora de fechar os olhos para a humanidade e deixá-la sozinha, no caos. Aí, quando houver essa necessidade, de novo, eles se lembrarão de Gandhi, de sua mensagem. Será preciso ouvir o clamor dos homens pedindo paz.

É importante notar que nos dois últimos versos, “Até podermos outra vez abrir os olhos/ quando os homens chamarem por nós”, há um sopro de esperança, pois o poema não termina de forma tão pessimista e acredita na possibilidade de, um dia, o homem se redimir e se transformar quando finalmente clamar por Deus. O mesmo impulso que leva ao mal, pode levar os homens a praticarem o bem. Cecília Meireles, mesmo ferida pela dor, coloca-se à frente dos que clamam. É a porta-voz brasileira, e por que não Ocidental daqueles homens e mulheres que foram tocados de alguma forma pelo desejo do Mahatma Gandhi de uma humanidade pacífica. Como o vento que dispersa a voz de Deus entre mil línguas de fogo, ela espalha a bela mensagem por todos os cantos do mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como eixo central a discussão sobre a presença dos princípios filosóficos do Mahatma Gandhi, a mais importante figura política da Índia no século XX, na obra literária de Cecília Meireles. Para isso, no primeiro capítulo, mostraram-se as relações que a autora estabeleceu com a cultura indiana, com o Mahatma e, ainda, uma seção para explicitar quais eram e como os postulados gandhianos (*Satyagraha e Ahimsa*) tornaram-se forte presença na obra cecilianiana.

Pretende-se que, ao final da pesquisa, tenha sido possível deixar claras as relações que a escritora brasileira travou com esta cultura milenar. Relações que se deram desde sua infância, passando pela publicação de seus primeiros poemas, “*Espectros*”, “*Nunca mais... e poemas dos poemas*” e “*Baladas para El Rey*” e, ainda na juventude, por suas obras mais significantes como *Cânticos*, *Viagem* e *Mar absoluto*, e na sua produção poética final com destaque para *Poemas escritos na Índia* e a “Elegia sobre a morte de Gandhi”.

Também se tentou demonstrar a importância da relação das crônicas cecilianas com os aspectos daqueles princípios filosóficos indianos e a sua extensa produção, seja como crônicas de viagem, crônicas de educação ou a crônica em que ela compara às duas maiores figuras da Índia naquele tempo, Tagore e Gandhi, na crônica “O aniversário de Gandhi”.

Todo esse aspecto das crônicas só seria possível de ser demonstrado se também mostrássemos a importância das viagens para Cecília Meireles, assim como a devida contemporaneidade desses textos.

Sendo assim, esses dois temas mereceram destaque no capítulo dois. No primeiro, o tema das viagens, de muitos modos, como foi explicitado, vai ao encontro da escritora, seja por seu caráter genuíno de viajante pelo mundo \_ que nunca olha para as coisas como uma simples turista \_ , seja pelo título de sua coletânea mais conhecida e que, de certa forma, revela uma alma de descobridora nata, revelando as viagens dentro de sua própria escrita; ou, ainda, pelas viagens de autoconhecimento, as jornadas ao interior da alma que a levaram a conhecer uma cultura tão diferente da sua como a indiana e a praticar em sua vida e literatura os ideais da busca pela Verdade e Não-Violência.

O segundo tema, o da contemporaneidade via Agambem, surgiu como uma necessidade de se olhar mais atentamente para aqueles textos escritos em meados do século XX e perceber que, apesar de retratarem o olhar de alguém que viveu naquele tempo, são textos que não perderam seu vigor ou mesmo seu frescor. Isso porque Cecília é uma dessas grandes autoras que conseguem olhar para as trevas dominantes em seu tempo e tentam jogar luz nesse caminho. No caso, uma luz vinda através de Mahatma Gandhi.

Por fim, espera-se que esta dissertação sirva como contribuição para a rica fortuna crítica da obra de Meireles, principalmente no que tange ao diálogo intercultural da Literatura brasileira com a Índia e, também, para demonstrar a importância de Gandhi na obra da autora de *Crônicas de Viagem*.



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Viagem. In: CRUVINEL, Gilberto. Mário de Andrade escreve sobre Cecília Meireles. **GGN**. 2014. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/gilberto-cruvinel/mario-de-andrade-escreve-sobre-cecilia-meireles>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BOSI, Alfredo. Em torno da poesia de Cecília Meireles. In: GOUVEA, Leila. V. B. **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas, 2008.

CRISTÓVAO, Fernando. A alquimia poética de Metal rosicler. In: GOUVEA, Leila. V. B. **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas, 2008.

DAMASCENO, Darci. Poesia do sensível e do imaginário. In: MEIRELES, Cecília. **Flor de Poemas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

\_\_\_\_\_. Ilusões do Mundo. In: MEIRELES, Cecília. **Obras completas**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.

GANDHI, Mahatma. **Autobiografia: minha vida e minhas experiências com a Verdade**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

\_\_\_\_\_. A única revolução possível é dentro de nós. *eBooksBrasil.org*. **Projeto Periferia**, 2004. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/gandhi.html>>. Acesso em 10 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Hind Swaraj: Autogoverno da Índia**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.

GOUVEIA, Margarida Maia (Org.). As viagens de Cecília Meireles. In: GOUVEA, Leila V. B. **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas, 2008.

LOUNDO, Dilip. Cecília Meireles e a Índia: viagem e meditação poética. In: GOUVEA, Leila. V. B. **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas, 2008.

MEIRELES, Cecília. **Cânticos**. São Paulo: Moderna, 1981.

\_\_\_\_\_. **Literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

\_\_\_\_\_. **Crônicas de Viagem 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999a.

\_\_\_\_\_. **Crônicas de Viagem 3**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999b.

\_\_\_\_\_. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

\_\_\_\_\_. **Travelling and Meditating**. Poems written in India and others poems. Nova Delhi: Embaixada do Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Romanceiro da Inconfidência**. 1. ed. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

\_\_\_\_\_. **O que se diz e o que se entende**. São Paulo: Global, 2016.

PARANJAPE, Makarand. Hind Swaraj em nossos dias. In: GANGHI, Mahatma. **Hind Swaraj**: Autogoverno da Índia. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.

ROHDEN, Huberto. **Mahatma Gandhi**: o apóstolo da não violência. São Paulo: Martin Claret, 2012.

VARGUESE, Santan. Influence of Sermon on the Mount on Mahatma Gandhi's life and Thought. **Shodhganga**: a reservoir of Indian Theses. University of Kerala, 1998. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10603/70844>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

VARMA, Ravindra. **Gandhi**: poder, parceria e resistência. São Paulo: Palas Athena, 2002.